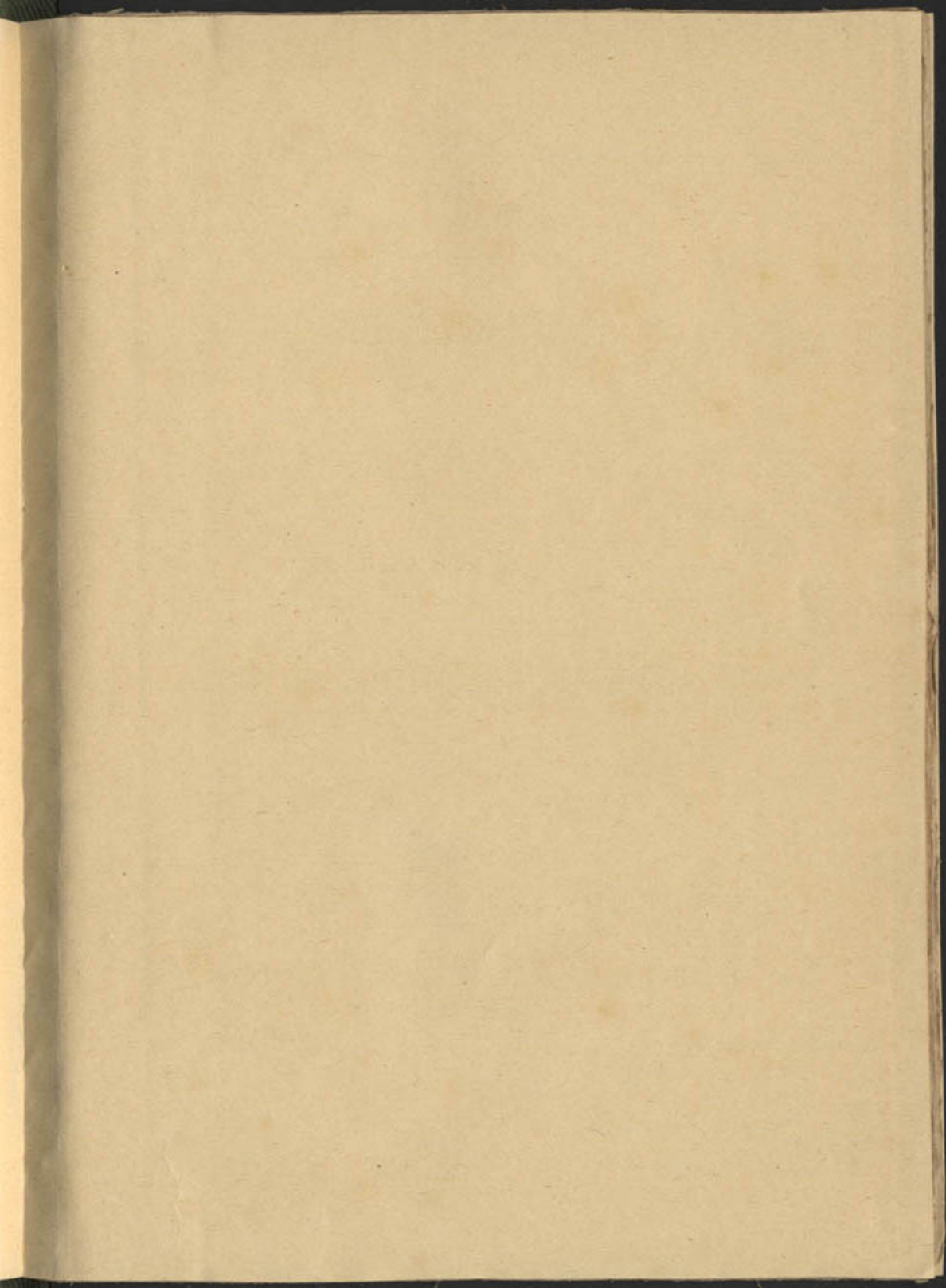


M. EMIYDIO GARCIA

—
APONT. DE ALG. PRELECCOES
DE
ECONOMIA E ESTATISTICA

| | |
|------|----|
| Sala | 7 |
| Gab. | |
| Est. | 14 |
| Tab. | 2 |
| N.º | |



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE DIREITO

Apontamentos

DE

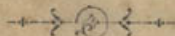
ALGUMAS PRELECCOES

DO

DR. M. EMYGDIO GARCIA

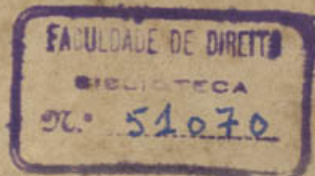
NO CURSO DE

ECONOMIA POLITICA E ESTATISTICA



COIMBRA - 1894

TYP. DE LUIZ CARDOSO, SOPHIA, 10 E 12





ECONOMIA POLITICA E STATISTICA



I

Noção geral

Segundo o enunciado *official* d'esta cadeira, no plano e programma geral da Faculdade, cumpre-nos estudar a *Economia Politica* e a *Estatistica*.

Para a maioria dos sabios e escriptores, que se tem occupado especialmente d'esta sciencia social, a *Economia Politica* estuda, e por isso investiga, atravez dos factos sociaes e servindo-se das operações do raciocinio, as leis de producção, distribuição, e consumo da riqueza no interesse e proveito do individuo e da sociedade.

Como mais tarde veremos, estamos longe de acceptar como scientificamente verdadeira esta noção de *sciencia economica*; mas sirva-nos por agora de ponto de partida esta noção, mais ou menos empirica, para formar a ideia geral, embora não exacta e precisa, do objecto d'esta sciencia, á qual pertencem, como conteúdo especial de suas investi-

gações os phenomenos economicos, isto é, aquelles que se referem á producção, distribuição e consumo da *riqueza*, tanto individual como collectiva, isto é, á producção das *utilidades*, que melhor possam satisfazer as *necessidades* humanas principalmente as materiaes, assim no interesse dos individuos como dos aggregados ou collectividades por elles formadas.

E dizemos as necessidades materiaes, porque tambem, para a maior parte dos economistas, *Economia politica* é a sciencia que se occupa dos interesses materiaes da sociedade, se bem que outros distinguem a riqueza e, por isso, os interesses em materiaes e immateriaes, fazendo entrar estes, que se referem ás necessidades do espirito, juntamente com aquelles, que servem á satisfação das necessidades organicas, no dominio d'esta sciencia, como adiante veremos.

Ha portanto no variado e complexo ambito dos factos ou phenomenos sociaes um grupo de factos ou manifestações da vida social, que se designam pelas palavras: — riqueza — interesses — utilidades — as quaes, separados pela abstracção e reunidos pelas suas relações de semelhança, constituem uma cathegoria de factos ou phenomenos semelhantes, aos quaes se convencionou chamar *factos* ou *phenomenos economicos*, e á sciencia particular que os estuda, compara, relaciona, filia, e d'elles induz as suas leis geradoras e reguladoras — *sciencia economica* ou *Economia Politica*.

É pois a *Economia Politica* um ramo da sciencia social; porque se occupa e tracta de uma certa

ordem ou grupo de factores ou condições da vida social.

II

Denominação

Nem todos estão d'accordo sobre a propriedade dos termos, com que se costuma designar esta sciencia, termos derivados da lingua grega, e que etymologicamente significam—casa, lei, ordem, governo, administração da casa do Estado ou cidade (*oikos, nomos, polis*).

E por isso etymologicamente as duas palavras ou termos—*Economia Política*—significam—lei, ordem na direcção e gerencia, isto é, na administração publica do Estado ou da Cidade.

Immediatamente se reconhece que esta designação comprehende muito mais, abrange muito mais do que o conteúdo, que, ordinariamente e no estado actual da sciencia em geral, pertence ao dominio da *sciencia economica* ou *Economia Política*; porque não são sómente as riquezas, os interesses materiaes, as utilidades e as necessidades organicas, que recahem dentro da esphera da administração da casa publica do Estado ou sociedade; e por outro lado entram no objecto da sciencia economica muitas cousas que estão fóra d'essa esphera, e são incontestavelmente phenomenos ou factos economicos.

Além d'isso, sendo a *politica* parte da sciencia social, uma sciencia particular como é a sciencia economica, separada e distincta d'esta pelo seu objecto, a reunião d'estes dois termos—*economia* e *politica*—importa mixtura, confusão, a qual convem escrupulosamente evitar, para não mixturar e confundir o que pertence áquella e é proprio d'esta.

É por isso que alguns regeitam, e chegam a substituir esta denominação por outras, que, em verdade, não designam com mais precisão e clareza o conceito d'esta sciencia, nem limitam com mais exactidão e rigor o seu objecto proprio.

Isto succede em outros ramos do saber humano, a outras sciencias, que receberam os seus nomes de baptismo ou designações technicas na sua infancia, e estes não nos dão senão uma ideia imperfeita ou inexacta do seu conteúdo.

III

Exame e Discussão

O termo *Economia* tem manifestamente a sua origem na technologia scientifica dos philosophos gregos. Assim attribue-se a Aristoteles uma obra intitulada *Oiconomicos*; e assim tambem se denominou um outro trabalho, devido a Xenofonte. Estes philosophos da antiguidade entendiam por *Economia* a administração moral e material da casa, comprehendendo tambem a educação da familia;

pouco mais ou menos ligavam á palavra *Economia*, o que nós hoje entendemos por *Economia domestica*.

Por semelhança ou analogia e dando-lhe maior extensão, foi esta palavra empregada modernamente para designar a Sciencia Economica; e para a distinguir da *Economia domestica*, adicionaram-lhe o qualificativo de—*politica*—.

O nome de *Economia Politica* encontra-se, pela primeira vez, segundo se affirma, em um livro publicado em francez, em 1615, por Montereftien de Wateville, com o titulo de *Principios de Economia politica* ou *Tractado de Economia Politica*.

Mais tarde, em 1772, este termo adquiriu um uso geral, com a publicação de um pequeno resumo intitulado «*Abrégé des principes de Economie Politique*, do Margrave de Bade».

Comquanto a eschola de Quesnay, chamada dos physiocratas conservasse esta denominação, é certo que nem o sabio Turgôt nem qualquer dos discipulos de Quesnay, nem o proprio Adam Smith, o qual, como veremos, deve considerar-se o fundador da moderna Sciencia Economica, o empregaram. Os physiocratas usaram, ou, pelo menos, pretenderam adaptar-lhe o nome de *Physiocracia*, termo derivado de duas palavras gregas, que significam —*lei da natureza*— e que portanto designam muito mais do que abrange a *Sciencia Economica*, comprehendendo todas as sciencias, porque todas ellas investigam, e tractam de descobrir e formular as leis naturaes, que regem os phenomenos do mundo.

Foi esta expressão *Economia Politica* empre-

gada pelos notaveis economistas Sismondi, e J. B. Say, os quaes publicaram obras havidas como classicas com os titulos—o primeiro de *Principios de Economia Politica* e o segundo *Tractado de Economia Politica*, prevalecendo pois esta denominação para a maior parte dos cultores d'esta sciencia e sendo tambem adoptada oficialmente pelas Universidades e escholas superiores.

No emtanto J. B. Say, posto que haja adoptado a denominação de *Economia Politica*, mais de uma vez declara no seu tractado, que seria preferivel a de *Physiologia Social*; esta designação porém, não só não corresponde ao conceito, ao objecto proprio da *Sciencia Economica*, mas o epitheto *social* confunde esta sciencia particular, com todos os ramos da Sociologia, cujo conjuncto tracta de todas as condições de existencia social politicas, economicas, administrativas, moraes e juridicas, como adeante veremos.

Wateley, auctorizado economista, pretendeu substituir a denominação *Economia Politica* por *Catallatica* palavra derivada do grego, que significa *permutação* ou *troca*, por isso que a troca é um dos mais essenciaes, geraes e frequentes phenomenos ou factos economicos, subordinado todavia hoje á *distribuição*. Temos de regeital-a por demasiadamente restricta.

Quando em França se creou o Conservatorio de Artes e Officios, em Paris, foi denominada cadeira de *Economia Politica*, inaugurada e regida pelo eminente J. B. Say — cadeira de *Economia Industrial*.

A Sciencia Economica, porém, não estuda rigorosamente o trabalho ou a industria nas suas diversas fórmãs ou operações; investiga principalmente a causa, o agente, a força moral que o origina, a sua organização, sob o ponto de vista social, e as utilidades individuaes e collectivas que elle póde produzir para a conservação e progresso da sociedade em geral e de cada um dos seus membros em particular.

Alguns escriptores, pela maior parte extranhos a Sciencia Economica, ou que pelo menos não gosam dos fóros e da auctoridade de mestres, chamaram-lhe *Chrematistica*, nome com o qual Aristoteles designa o capitulo da sua *Politica*, no qual se occupa da producção das riquezas. Entre nós foi elle adoptado pelo sr. Ferreira Borges, o illustre auctor do antigo Cod. Commercial, e d'ella mais d'uma vez fez uso o sr. Oliveira Martins.

Outros a denominaram tambem, como o sr. Oliveira Martins, entre nós, *Sciencia da Riqueza*, denominação que, por demasiadamente material e egoista, é por muitos regeitado.

Muitos lhe chamam tambem *Sciencia do Interesse pessoal*, ou simplesmente do Interesse, nome indicado por Bastiat e seguido por outros escriptores, como parece tambem indicar o sr. dr. Frederico Laranjo no § 1.º do seu compendio.

Outras denominações apparecem, como *Plutonomia* ou *Plutologia*, da palavra Plutus, deus da riqueza na mythologia romana; e ainda *Sciencia Divitiaria*.

Na opinião do sr. Piernes Hurtado, professor

de Finanças na Universidade central de Madrid, do illustre Hutcheson, mestre de Adam Smith, José Garnier, Yves Guyot, e do sr. dr. Emygdio Garcia, é preferivel a denominação de *Sciencia Economica* ou simplesmente *Economia*, que, sancionada pelo uso, não tem os inconvenientes das outras denominações.

O digno lente titular da cadeira de *Sciencia Economica*, na Universidade, sr. dr. Nunes Geraldes, no seu livro *Cathecismo Nacional de Philosophia do trabalho*, como o proprio titulo nos adverte, i tendeu por melhor chamar á *Sciencia Economica—Philosophia do Trabalho*. E em verdade no referido livro occupa-se o seu auctor dos principios fundamentaes da *Sciencia Economica* e das leis que regem a producção, distribuição e util emprego da riqueza, considerada esta como producto exclusivo do trabalho, intelligente e livre, do homem, ou da industria humana, para o sabio professor o unico agente da producção, motor esclarecido e consciente de toda a actividade economica progressiva e civilisadora.

É evidente que o illustre professor emprega a palavra *philosophia* no sentido de *espirito critico*, critica scientifica; e por tanto, *philosophia do trabalho* é o mesmo que *sciencia do trabalho*; e como para elle, economicamente considerado, o trabalho deve ser intelligente e livre, se o trabalho, intelligente e livre equivale a industria, dizer *philosophia do trabalho* é o mesmo que dizer *philosophia da industria*.

Além de que esta denominação carece de uma

explicação elucidativa, para bem se comprehender o seu valor e significação technica, tem os inconvenientes que já Coquelin ⁽¹⁾ attribue á denominação *economia industrial*; porque a Sciencia Economica, como já tambem observámos, não estuda rigorosamente a industria ou o trabalho.

Outros professores da Universidade que regeram este ensino e publicaram lições e compendios para uso dos seus discipulos, cultura e adiantamento da sciencia entre nós, mantiveram, com raras excepções, a denominação usual e classica de *Economia politica*. Taes foram entre outros os drs. Rodrigues de Brito ⁽²⁾, Alexandre de Campos ⁽³⁾, Bernardino Carneiro ⁽⁴⁾, Forjás de Sampaio ⁽⁵⁾, e por ultimo, o sr. dr. Frederico Laranjo ⁽⁶⁾; se bem que nas ultimas edições dos seus compendios, o dr. Forjás de Sampaio definiu *Economia Politica* «a *philosophia da industria*, ou sciencia que estuda as leis que regem o mundo industrial», segundo a formulou Dunoyer na sua obra *De la liberté du travail*.

Fóra da Universidade quasi todos os escriptores de *Economia Politica* a designaram por este nome como por exemplo: Silva Lisboa ⁽⁷⁾, J. P. D. Barbosa ⁽⁸⁾, Agostinho Albano da Silveira Pinto Oliveira Marreca ⁽⁹⁾, Silvestre Pinheiro Ferreira ⁽¹⁰⁾, Rebello da Silva ⁽¹¹⁾, Andrade Corvo ⁽¹²⁾, Rodrigues de Freitas ⁽¹³⁾, etc.

D'estes e d'outros economistas portuguezes e dos seus escriptos fallaremos opportunamente.

Isto basta para termos uma idea geral da

Sciencia Economica e da propriedade da sua denominação.

Não é uma questão inutil (14).

A nomenclatura é um elemento importante das sciencias. Todas a têm. Nas sciencias sociaes é todavia mais importante por mais difficil e delicada na sua apropriação; por isso que nos vemos forçados a empregar palavras do uso vulgar convertidas em termos de significação scientifica e technica.

E se no tracto vulgar a palavra deve corresponder clara e precisamente á idea, ao conhecimento, e o conhecimento á realidade do facto ou phenomeno a que se refere; no tracto scientifico essa correlação é necessaria, é indispensavel no mais alto grau de precisão, clareza e reciprocidade.

(1) Dictionaire de l'Economie Politique, art. Economie Politique.

(2) Memórias politicas sobre as verdadeiras bases da grandeza das nações, Lisboa, 1803 e 1805. Tracta de assumptos economicos; não se occupa todavia da sciencia economica em geral nem lhe dá denominação alguma, comquanto se mostre familiarizado com as obras dos economistas seus contemporaneos, e mais de uma vez cite os preciosos trabalhos dos physiocratas e do eminente Adão Smith.

(3) A elle, na qualidade de vice-reitor da Universidade e por comissão do governo se deve o plano de reforma do ensino em todos os graus, decretada em 1836, e a creação do ensino official da Sciencia Economica, não só na Faculdade de Direito, mas tambem na Academia Polytechnica do Porto e Eschola Polytechnica de Lisboa com as denominações de Economia Industrial, Economia rural e Economia Politica. Vid. DD. de 5 de dezembro de 1836, art. 78; 13 de janeiro de 1837, continuação do antecedente, art. 157; 11 de janeiro do mesmo anno, art. 2.º. Não consta que deixasse escriptos sobre a Sciencia Economica, não obstante ter sido professor d'esta cadeira na Universidade e um parlamentar distincto.

(4) Lições de Economia Politica, Coimbra, 1850. Lições estas colligidas pelos seus discipulos e em grande parte moldadas pelas Lições do economista Rossi.

(5) Elementos de Economia Politica e Estatica, Coimbra, varias edições, sendo talvez a ultima a de 1874.

(6) Principios de Economia Politica. É o actual compendio.

(7) Principios de Economia Politica para servirem de introdução á tentativa economica, Lisboa, 1804.

Estudos do bem commum e economia politica, Rio de Janeiro, 1819 a 1820, 2 vol.

Leituras de Economía Politica, Rio de Janeiro, 1827.

(8) A B C e compendio da sciencia da riqueza, Coimbra, 1822. É notavel este pequeno opusculo em fórma de dictionario, sendo as materias alphabeticamente distribuidas. A pag. 72, sob a epigraphie «Economia Politica», lê-se esta notabilissima affirmação: «He uma sciencia apoiada na observação das relações dos factos, assim como qualquer das outras sciencias naturaes. Differe da Estatica em que esta limita o seu objecto á exposição, não se extendendo ás relações que ligam uns com outros: differe da Politica porque esta occupa-se exclusivamente da organização das sociedades, não se embaraçando com as leis da riqueza senão acidentalmente.»

(9) Importancia da Economia Politica, artigo no «Jornal dos Amigos de Lettras», 1836.

Noções elementares de Economia Politica, etc. . . 1838.

Considerações sobre o curso de Economia Politica, artigo no jornal «O Panorama», 1840.

(10) Précis d'un cours de Economie Politique. Paris, 1840.

(11) Compendio de Economia Industrial e Commercial, Lisboa, 1868; no mesmo anno e em segunda edição, Compendio de Economia Politica.

(12) João de Andrade Corvo, litterato e estadista distincto, foi tambem um homem de sciencia. Além dos seus importantes relatorios sobre arborisação e irrigações, cultivou com esmero e publicou alguns trabalhos de sciencia economica.

O mesmo podemos dizer de José Maria Grande, José Silvestre Ribeiro, Fradesso da Silveira e outros.

(13) Illustre professor da Academia Polytechnica do Porto, escreveu «Principios de Economia Politica», para compendio d'aula.

(14) Do exame d'esta questão se occuparam especialmente, entre outros: Villiauné—«Novo Tratado d'Economia Politica», Paris, 1857, tom. I, cap. I.

Mariano Carreras y Gonzalez — «Philosophie de la Science Économique, Paris, 1881, IV, pag. 28.

Yves Guyot—«La Science Economique», Paris, 1881, cap. I.

IV

Noção geral de Estatística

Além da Sciencia Economica ordena o programma official que n'este curso se estude tambem a *Estatistica* ou *Estadistica*, pelo menos sob o ponto de vista theorico ou especulativo. Alguns confundem a *Estatistica* com a propria Sciencia Economica (1).

Duas ethmologias se attribuem a este termo. Segundo uns o termo Estatistica é derivado, não em sua morphologia, mas por analogia ou semelhança de significação da palavra grega *chorographia* (choros—região, grapho—eu escrevo); e por isso significa descrição de um logar ou região sob todos os pontos de vista e relações que elle nos possa offerecer.

Por extensão designa-se tambem por este termo a sciencia, concreta e descriptiva, que por differentes processos e operações e subordinada a certos principios e a certas regras, recolhe da observação, reúne e aggrupa em quadros graphicos unidades e sommas indicadoras de phenomenos ou factos semelhantes, formando cathogorias para servirem

(1) «Nouveau Dictionnaire de l'Economie Politique» publié sous la direction de M. Leon Say, art. Econ. Politique.

de materia á sciencia nas suas induções positivas ou approximações hypotheticas.

Os processos e operações estatisticas, que formam a theoria ou antes a parte technica, d'esta sciencia, têm por fundamento a comparação e generalisação dos factos ou phenomenos pelas suas relações de semelhança, antecedencia, sequencia, simultaneidade e filiação, e por instrumento o calculo mathematico, principalmente o calculo das probabilidades e approximações; por isso a definem em geral—«sciencia que reune, e relaciona os phenomenos naturaes e os factos da vida social, exprimindo-os por algarismos»—melhor diriam signaes mathematicos, (arithmeticos ou geometricos; porque são estes ultimos hoje mais frequentemente usados nos quadros ou taboas estatisticas).

Para outros o termo *estatistica* foi importado do uso allemão, se bem que derivado, ao que parece, de um termo latino e de um outro grego, que significam *sciencia da constituição*—, para significar a reunião de conhecimentos relativos a um ou muitos *Estados*, a respeito de tudo o que possa esclarecer e dirigir o governo, a administração publica, as grandes especulações do commercio, etc.; e por isso preferem o termo *Estadistica* ao de *estatistica*. No emtanto em Allemanha tambem se emprega este termo para significar «a descripção circumstanciada de um paiz (região) relativamente á sua extensão, população, recursos e producções agricolas e industriaes, etc.

Seja qual fôr a origem e derivação da palavra, a *Estadistica* é geralmente considerada «a scien-

cia (concreta e descriptiva) que recolhe, reune e registra os phenomenos ou os factos de observação, enunciando-os por algarismos e signaes geometricos.

Não é propriamente uma sciencia; é um subsidio necessario, um auxiliar, mais ainda um factor indispensavel da sciencia.

Não o é exclusivamente da *sciencia economica*; é-o egualmente para todas as sciencias.

Não é um mero subsidio, um simples auxiliar, um accessorio das sciencias; é um factor intrinseco, é materia substancial, parte integrante de todas as sciencias.

A todas a *Estatistica* fornece dados da observação, como a Historia lhes fornece dados da *experiencia*, para a sua constituição experimental e verificação da realidade objectiva de seus conhecimentos e de suas hypotheses; campo de exploração e operações inductivas, para a determinação dos seus principios e leis geraes e particulares, que regem os phenomenos do mundo, e por isso os factos sociaes.

O estudo, e por isso o ensino da *Estatistica*, anda reunido ou aggregado, geral e officialmente, ao da *sciencia economica*, por tres razões:

Por d'ella fizeram primeiro uso os economistas.

Porque ser no campo da *sciencia economica* que praticamente e melhor se tem reconhecido e aproveitado o seu alto valor e incontestavel efficacia.

Sem duvida que, entre todos os ramos da

sciencia social ou *sociologia*, a *Sciencia Economica* é aquella que primeiro, e em mais subido grau, adquiriu a indole experimental e o character positivo, o que se deve attribuir aos dados da observação e da experiencia, fornecidos pela *Estatistica* e pela *Historia*.

V

Razão de ser da Economia Politica; seu começo

Pergunta-se: qual é a razão de ser da Sciencia Economica, isto é, quaes são os estímulos que determinaram o espirito philosophico, a actividade scientifica a formar e a constituir a sciencia dos phenomenos ou factos economicos, a estudar a sua natureza, a precisar os seus caracteres, a investigar as suas relações, a procurar a sua origem, a calcular a sua evolução, a medir a acção extensiva e a traçar a esphera da sua influencia, n'uma palavra a descobrir e a formular as suas leis, coordenando-as em *systema*, reduzindo-as a um corpo de doutrina, adaptando-lhe um methodo, dando-lhe um nome e uma nomenclatura propria?

Acodem para responder duas ordens de considerações fundamentaes: uma subjectiva e permanente, geral e *commum* para todas as sciencias; outra objectiva e occasional, particular e especifica, que o estado e as circumstancias da vida so-

cial, historicamente em si contém, e, por isso mesmo, explica.

Ha para o espirito humano, individual e colectivo, um energico estimulante, um determinismo irresistivel que o impelle a procurar, pelo emprego das nossas faculdades perceptíveis e tambem por meio das operações do raciocinio, explicar o mundo, do qual faz parte, e a explicar-se a si proprio em suas manifestações ou phenomenos.

Chamaram-lhe os philosophos *curiosidade*, aspiração ao saber. É esta a principal causa creadora e a força impulsiva, a *razão de ser* subjectiva de toda e qualquer sciencia, o determinismo originario de todos os nossos conhecimentos. Ensina-o a philosophia critica elementar.

No trabalho intellectual scientifico é este um factor primo e commum.

Assim o estudo dos phenomenos economicos, a investigação e descoberta das suas leis, para formar e constituir a sciencia economica, teve, e tem a mesma razão de ser que o estudo dos phenomenos mathematicos, astronomicos, physicos, chimicos, biologicos e todos os demais phenomenos sociaes, e a investigação das suas respectivas leis para constituir as mathematicas, a astronomia, a physica, a chimica e a sociologia, assim abstractas como concretas.

Não é, porém, esta a razão de ser a que o compendio se refere, o que seria mais do que desnecessario, pueril; é a causa occasional, a razão objectiva e historica, que ao mesmo tempo nos indica o periodo de sua formação, o seu começo.

É certo, que em todos os tempos, em todas as sociedades, qualquer que fosse o seu grau de civilisação rudimentar ou desenvolvido e ainda no periodo mais proximo da sua animalidade nativa, se preocuparam os homens que as dirigiram e toda a população em geral com a satisfação das necessidades economicas, com a aquisição e emprego dos meios e condições indispensaveis e proprios para as satisfazer. E assim desde a mais remota antiguidade em toda a parte, e muito principalmente n'aquelles centros de maior e mais complexa actividade e maior grau de cultura e adiantamento material e moral, se estudaram os phenomenos economicos, investigando as suas causas, as suas leis, e pelo conhecimento e applicação d'estas o seu aperfeiçoamento, segundo a orientação, a doutrina e os methodos dominantes e caracteristicos das differentes escholas philosophicas, no velho Oriente, na Grecia, em Roma e por todo o decurso da Edade Media.

Antiguidade

Nos tempos antigos, porém, e durante a maior parte da Edade Media, a astronomia, a theologia, a philosophia, a moral, a legislação e ainda a politica, mais ou menos confundidas, foram estudadas, com sensivel e notavel successo; a Sciencia Economica é incontestavelmente de origem moderna. Aquellas sciencias, sciencias do maravilhoso, dos grandes e assombrosos phenomenos da natureza physica, das profundas e energicas emoções

da alma, do sentimento do bello e do justo, dos grandes acontecimentos historicos e das revoluções sociaes despertaram com mais vehemencia a imaginação dos philosophos, aguilhoaram com poderosos estimulantes a curiosidade do seu espirito, e emprimiram á sequiosa e irrequieta impulsão e actividade das suas forças e faculdades mentaes aquella direcção, aquelle sentido e a maior potencia da sua intensidade, á qual chamaram, e ainda hoje chamam — *Rasão*.

Como encontrar em tempos remotos da antiguidade os mais ligeiros e confusos traços d'esta sciencia?

Tyro, Sidon, Corintho, Syracusa, Carthago e todas as colonias que Phenicios, Carthaginezes e gregos fundaram, como esses ousados navegantes que demandavam as costas, e arribavam ao posto desejado sem o auxilio da bussola, como esses povos de uma compleição athletica que viviam cheios de robustez e de vigor hereuléo sem a menor noção da hygiene e da medicina, deram-se á navegação, exercitaram e alargaram o commercio, e accumularam riquezas fabulosas sem conhecer nem se quer presentir as mais elementares noções e regras, hoje vulgares, da *Sciencia Economica*.

Athenas e outras famosas cidades da Grecia, nos dias tão apregoados da sua opulenta grandeza e prosperidade, arrastavam todavia, preso ao manto de magnificencia e de esplendor que as cobria, um funebre e repugnante cortejo de vicios, de violencias, de excessos exgotantes e de miserias as mais deploraveis.

Roma não offerencia, sobre este ponto de vista, um espectáculo menos sobrio e desolador.

As republicas da antiguidade, diz algures J. P. Pagés, não conheceram, não podiam conhecer a Economia Politica. Fundadas na escravatura das massas, Sparta, Athenas, Roma viviam sobre o principio mitigado do despotismo; alguns absorviam o trabalho de todos, e a fortuna dos cidadãos não se formava, não se compunha do superfluo da cidade, mas do necessario ao escravo, á numerosa classe dos pobres e miseraveis illótas.

Edade Media

Quem conhece a organização politica e civil da Edade Media, quem não ignora o que era e representava o feudalismo com a sua aristocracia militar e religiosa, a servidão da gleba, o regimen da propriedade, na organização do trabalho, no *systema* tributario, na sua mentalidade theologica, mística, cheia de credices e preconceitos, não estranhará, por certo, que a *Sciencia Economica* fosse inteiramente desconhecida n'este longo periodo da historia; se bem que nas entranhas d'esta sociedade anómala, encravada entre as civilizações antigas e modernas, se elaboravam os germens d'uma sciencia nova, que, na evolução dos tempos, havia de arruinar, destruir, supplantar e substituir inteiramente a sciencia antiga.

No meio das suas deploraveis aberrações do espirito theologico, guerreiro e philosophico, algumas cidades se elevaram, como na antiguidade,

pelo commercio e pelas artes e officios. Afirmam por isso alguns historiadores criticos, que se comprazem em formular hypotheses inversas da realidade dos factos, que, se Carthago tivesse vencido Roma e o arcanismo supplantado o catholicismo, ha muito tempo que o mundo civilizado, o mundo scientifico, industrial e pacifico, teria assentado a *Sciencia Economica*, o trabalho e a liberdade no throno das nações.

Carlos Magno, cognominado o *pae*, o restaurador das letras, teria sem duvida concedido os seus desvelos á *Sciencia Economica*, se, para satisfazer ás suas inclinações e ser agradável aos dois potentados que o dominavam, não tivesse preferido, permittir e talvez ordenar a alteração das moedas, dotar os seus subditos com o impósto de *capitação* e serviços de vassalagem *corvéé*.

Mais tarde, porém, as grandes cidades são auctorizadas a formar associações commerciaes e profissionaes; constituem-se as *ajurandas*, os *officios embandeirados*, *mestranças* e todas essas corporações imaginadas pelo espirito de emancipação e liberdade para resistir ás exigencias oppressoras do feudalismo, cujo resultado, contraproducente e funesto, foi estabelecer outros tantos monopolios, que o progresso das luzes e da civilização deviam ulteriormente aniquilar ou transformar, imprimindo-lhes um caracter revolucionario e uma feição democratica.

E com effeito estas instituições, por máis viciosas que nos pareçam, deram certo impulso favoravel á producção e ás trocas, a ponto de que em

Veneza o exercicio do commercio e das artes mechanicas, era titulo de nobreza, e importava valiosos privilegios; e como se as nações modernas quizessem dar uma lição aos povos antigos, alli não se obtinha carta de cidadão, não se era magistrado, sem que primeiro se mostrasse exercer uma profissão industrial.

É pois bem differente a orientação d'estes tempos, se a comparamos á funesta e lamentavel ignorancia da antiguidade e a soberba impertinencia com que homens, os mais eminentes na sciencia e na posição social, tractavam o commercio e as industrias.

«N'um estado bem constituido, escreveu Aristoteles, não deve considerar-se cidadãos os individuos que praticam o commercio, ou desempenham profissões mechanicas; porque este modo de vida é degradante e contrario á moralidade».

«As artes mechanicas, diz Xenophonte, alteram a saude, desfiguram o corpo, e não pôdem deixar, por isso, de exercer uma influencia funesta sobre o espirito: é pois justo e razoavel excluir dos cargos publicos aquelles que se dedicam á industria.»

«A natureza, observa Platão, não nos produziu para sermos sapateiros; semelhantes occupações degradam quem as exerce; taes homens não terão direitos politicos alguns; o mesmo deve succeder aos pequenos negociantes que apenas se toleram na cidade, como sendo um mal necessario.»

Segundo Cicero, «coisa alguma de honroso pôde sair d'um pequeno estabelecimento de com-

mercio; os negociantes a retalho não pôdem vender sem mentir».

Renascença

Foi só na epocha da renascença das letras, com as descobertas scientificas, com os descobrimentos maritimos, as grandes navegações, o alargamento do commercio, a colonisação, o desenvolvimento das industrias e das artes, com a formação das grandes potencias politicas, permanencia dos exercitos, augmento e estabilidade das relações diplomaticas, junctamente com outras circumstancias que affectaram profundamente as condições da vida material e moral dos povos, que os conhecimentos economicos entraram na circulação intellectual dos cultores da sciencia, e chamaram a attenção das universidades e academias, que tambem pelos indicados motivos e circumstancias, que a historia nos revela e a critica explica, se multiplicaram, e desenvolveram.

Esta nova era tão favoravel ao desenvolvimento da Sciencia Economica, se reuniu preciosos elementos, e accumulou valiosos cabedaes para a sua formação, não a constituiu ainda.

O que, porém, não tinham podido effectuar por si só, o progresso das luzes e o altaneiro vôo do commercio e da industria, vieram operal-o a carestia dos generos, a miseria dos povos, as revoluções politicas e outras muitas causas que seria longo enumerar.

E com effeito para conjurar a penuria e a mi-

seria dos povos, um dos mais seguros meios, foi desde logo, e tem continuado a ser a applicação d'esta bella Sciencia Economica, bem comprehendida e sobre tudo bem interpretada.

Edade Moderna

A todas estas causas e circumstancias determinativas e como consequencia d'ellas, que prepararam a transformação das sociedades não só na ordem politica, mas tambem no sentido economico, administrativo, moral e juridico, e chamaram a attenção dos espiritos para os estudos e investigações de natureza e character economico, acresceram outras, egualmente poderosas e energicas nos seus estímulos de provocação.

Mais do que todas ellas, as difficuldades, as crises financeiras, que em toda a parte envolviam, e atormentavam os governos, que viam exgotar-se ou minguar, em uma enorme desproporção com as necessidades publicas, os recursos do Estado e quasi barridas as arcas do erario, exaustos os cofres das nações, empenhadas em dispendiosissimas empresas militares e expedições maritimas, o exaggerado luxo das côrtes e a magnificente opulencia da alta burguezia, em rivalidade e competencia com a nobreza feudal, com a aristocracia de sangue.

Foi então que alguns estadistas, ao mesmo tempo homens de sciencia, publicistas e philosophos, uns conservadores e outros revolucionarios, reconheceram a urgente necessidade de augmen-

tar as fontes das rendas publicas e abrir outros novos e abundantes mananciaes de receita para o Estado; o que só poderia bem alcançar-se pela renovação e exploração das condições da vida economica dos povos.

Foram pois elles os fundadores empyricos da *sciencia economica*.

Sully ⁽¹⁾, Colbert ⁽²⁾, Vauban ⁽³⁾, o medico Quenay ⁽⁴⁾ e outros, tentaram alguns ensaios d'esta sciencia, menos importantes pelos seus resultados do que pela direcção salutar e poderosa que imprimiram ás meditações dos homens de Estado e aos assíduos cultores da sciencia e das letras, as quaes, em toda a pujança da sua restauração e renascimento, entravam definitivamente na sua phase renovadora e progressiva.

Em virtude das ideias, opiniões e trabalhos d'estes e outros publicistas e notaveis homens de Estado, e por força das circumstancias e preconceitos da epocha e da crise, que as nações da Europa atravessavam, se accentuaram, e ganharam proselytos tres systemas, se tal nome lhes cabe, de doutrina e administração economicas: o *systema prohibitivo*, o qual empregado depois por Colbert, ministro de Luiz XIV, com o intuito de proteger e estimular o desenvolvimento da industria nacional, reservando quanto possivel os mercados interiores aos seus productos, se transformou, e resolveu no *systema protector* ou *proteccionista*.

Comquanto meramente empyricos, ambos estes systemas se fundavam no vulgar preconceito, elevado então á categoria de um principio, de que

o dinheiro constituia a unica real e verdadeira riqueza das nações; quando é certo que o dinheiro, a moeda é apenas um signal representativo do valor, um instrumento auxiliar intermediario da troca.

D'aqui, d'este erro, proveio a theoria ou antes a preocupação geral de que só o dinheiro é riqueza; e que para o obter necessario era—ou extrahir da terra os metaes preciosos para o fabricar,—ou vender os generos e mercadorias ás nações que o possuissem.

D'estes falsos principios e erradas opiniões resultaram: o desenvolvimento, na verdade salutar e proveitoso das industrias mineiras, o movimento acelerado para as regiões auríferas e argentíferas da America e de outros continentes, onde se sabia ou presumia haver ricos jazigos de metaes preciosos, finalmente o *systema mercantil* ou, como lhe chamaram tambem, *da balança do commercio*; porque seria mais rica e poderosa aquella nação para o lado da qual inclinasse e pendesse o prato carregado de dinheiro, opposto ao dos generos e manufacturas nacionaes.

Como corolario ou antes como expressão mais completa e aperfeiçoada, regista a Historia d'esta epocha o *systema de Law*, do qual a França usou e abusou no começo do seculo XVIII durante a regencia do duque de Orleans, fundando, á semelhança da Hollanda e da Inglaterra, *bancos mercantis*, primeiro por iniciativa e com o caracter particular (*Banco geral*, 1716), obtendo, porém, depois varios privilegios e protecções do Estado e

o favor dos governos (*Banco Real ou do Estado*, 1718).

É sabido qual foi o triste e desastroso fim d'esta viciosa e malograda instituição de credito; o banco emissor privilegiado succumbiu, arrastando o Estado á *bancarrota* e precipitando na ruina muitos cidadãos, que de boa fé haviam envolvido os seus capitaes e recursos nas especulações e operações do *banco real*, quando outros, mais calculistas e previdentes que d'elle e do seu credito se haviam aproveitado logo nos seus começos, improvisaram fortunas collossaes (6).

Por mais funestos que nos pareçam os effectos e desastrosas as influencias d'estes systemas, tiveram todavia uma vantagem, semelhante á que produziu a *pedra philosophal*, a *alchimia*, a qual proseguindo o phantastico ideal e o sonho enganador de extrahir o ouro das pedras e do carvão o diamante, lançou os fundamentos á moderna sciencia chimica.

Estes systemas, pretendendo accumular dinheiro, transformar em dinheiro todos os productos, todas as mercadorias, levados no erro dos preconceitos e na miragem de falazes aspirações de riqueza, tudo empobreceram; estes funestos systemas, por mais absurdos que hoje nos pareçam, inauguraram todavia, e promoveram os estudos economicos.

Tiveram effectivamente todos estes systemas pelo menos o condão de fazer sentir a necessidade e despertar o gosto dos estudos economicos.

Os rudimentos d'esta sciencia apparecem já

esboçados, embora em traços desconexos e linhas desordenadas, em 1615 na citada obra de *Economie Politique* de Antonio de Montchrétien e nas *Les Economies royales et les servitudes loyales* de Maxemiliano de Bethune, duc de Sully, publicadas em 1634.

Além d'estes ensaios poderíamos citar alguns tratados parciaes e monographias, valiosas pelo seu objecto e orientação de seus auctores, na maior parte eivados ainda dos erros e preconceitos do seu tempo, taes como: de Huet—sobre o commercio e a navegação; de Philibert Collet—sobre a usura; de Thomaz Munn—em favor do privilegio da Companhia das Indias; de Bernardo Davanzati—sobre as moedas; de Antonio Broggia—sobre os impostos, etc.

Muitos auctores se distinguiram tratando em suas obras de questões e problemas de sciencia economica; entré outros lembraremos T. Bentham, J. Witt, Montesquieu, Fenelon, distinguindo-se S. Vaubam, Boisgilbert, Veron de Forbonnais, Fray, Ortis e o celebre Quesnay, chefe prestigioso da eschola dos physiocratas, os primeiros que traçaram as bases naturaes e scientificas da *Economia*, e da qual foram principaes adeptos Gournay, Condorcet, Condillac, o sabio Turgot, o padre Raynal. Indicaremos ainda o apreciavel A. Genovesi, o primeiro dos economistas italianos.

Nas *Memorias Economicas* da nossa Academia real das sciencias, fundada em 1781, encontram-se importantes trabalhos parciaes e assumptos fragmentados de sciencia economica, referentes a esta

epocha, estudados sob o ponto de vista geral e com applicação ao nosso paiz, sêgundo o modelo e traça dos que acima deixamos indicados; os quaes foram em Portugal, como aquelles em França, na Inglaterra, na Italia e na propria Hespanha, os prenuncios do advento de uma nova sciencia, a qual devia engrandecer e illustrar com as revoluções liberaes e democraticas o XIX seculo.

Até aqui não offereciam ainda os estudos economicos os caracteres acentuados e proprios a toda a *sciencia* positiva e completa, nem ao menos em via de constituição, e d'uma *arte*, capaz de uteis e grandes applicações.

Depressa porém appareceu o patriarcha d'esta sciencia e d'esta arte, elaborando-se lenta e parcialmente em varios centros de actividade intellectual, já officiaes, já extra-officiaes, quer por iniciativa e curiosidade dos mais notaveis pensadores e publicistas, quer por necessidade e impulsão dos governos, que presentiam nos seus principios, nas suas maximas e regras meios seguros de desafogar o thesouro publico e regularisar as finanças do Estado pela remodelação e melhor ordenamento dos serviços publicos, augmento e mais justo e conveniente emprego das receitas publicas.

D. Hume, philosopho, litterato e principalmente historiador inglez, nascido em Edimburgo em 1771, publicista e diplomata, por suas lições e por seu opusculo sobre a *sciencia economica*, inaugurou, ou antes preparou a sua constituição, quando Adão Smith (⁶), seu discipulo e seu amigo, rico de conhecimentos adquiridos em França e favorecido

pelos dotes excepçionaes e vigorosos impulsos do seu extraordinario genio, creou a *sciencia economica experimental* com as suas *Investigações sobre a natureza e causas da riqueza das nações*.

Á voz auctorisada do seu commando, reputado em todo o mundo scientifico, escriptores de reconhecido talento e provada aptidão accudiram a alistar-se em a nova, attrahente e utilissima carreira de lucobrações scientificas.

Entre elles destaca-se, como vulto de maior grandeza, Malthus, sabio economista original e systematico, cuja obra *Ensaio sobre o principio da população*, publicada em 1798, assente sobre dados da observação e da experiencia e contendo, por isso, grande copia de informações estatisticas, levantou protestos e recriminações violentas, mais contra as consequencias praticas do que contra os principios theoreticos, mais em desfavor da sua applicação practica do que da doutrina, que ninguem conseguiu refutar, e muitos dos seus adversarios não ousaram sequer pôr em duvida.

Pela maior parte essas accusações eram infundadas, e partiam de escriptores, que mostravam claramente não haver alcançado nem comprehendido o pensamento profundo e as boas intenções do esclarecido e honrado escriptor inglez.

Malthus estudou as relações entre a *população* e a *riqueza*, affirmando que a população, quando não encontra obstaculos á sua multiplicação ou desenvolvimento quantitativo, cresce em *progressão geometrica*; emquanto que a riqueza, isto é, a producção, realisada em circumstancias ainda as

mais favoráveis, só poderá augmentar e desenvolver-se em uma *progressão arithmetica*. D'aqui um funestô e por fim desastroso disequilibrio entre as necessidades de uma população exuberante e os meios necessarios de satisfazer as suas necessidades, dependentes de uma producção, a qual por mais que se aperfeioe e desenvolva, nunca poderá acompanhar aquella no seu augmento progressivo. Embora esta doutrina seja um pouco fatalista, por mais desoladora que nos pareça uma semelhante theoria, ella contém verdades incontestaveis, principios de moralidade e regras de conveniencia publica inilludiveis. Mostrando, pondo em relevo a *inferioridade improductiva* do homem em relação ao seu *poder prolifico*, dá-lhe salutarres conselhos de previsão e temperança, tende a prevenir a miséria, a evitar, quanto possivel, as epidemias, a corrupção dos costumes, os crimes, as guerras, todos esses grandes males e lamentaveis flagellos, que em toda a sociedade origina, provoca e alimenta uma *população exuberante* ou desproporcionada ás *subsistências*, aos gosos e attractivos de uma civilização adiantada.

A doença maligna do *anarchismo* actual veio mostrar, em nossos dias, quanta verdade scientifica e quanta providencia contém a doutrina de Malthus, e que *as consequencias da sua lei* podem realisar-se, e em parte se estão realisando em paizes, onde nem é exaggerado nem ao menos muito sensivel o desenvolvimento numerico da população, e todavia se manifesta e aggrava a crise aterradora, que Malthus tentara conjurar.

Phase contemporanea

Foram incontestavelmente Quesnay, chefe da *escola physiocrata*, Adão Smith, fundador da *escola industrial* e Malthus, que reuniram os materiaes para a *formação da sciencia economica*, e assentaram as solidas bases da sua *constituição*, não diremos definitiva, mas sem duvida provisoria.

Quesnay e seus discipulos estudaram a *terra*, o *meio* cosmico, inorganico e organico inferior, como a principal, senão a unica fonte de toda a produção e, por isso, de toda a *riqueza*, de toda a *vitalidade* organica e social; estudaram-a nos seus elementos, nas suas potencias e energias naturaes, e chamaram a attenção dos povos e dos governos para a *agricultura*, a industria mãe, a industria por excellencia, a unica, segundo elles, verdadeiramente productiva.

Entre as *Maximas geraes de um governo economico*, concebidas e formuladas por Quesnay, encontramos a seguinte:

«Que o soberaño e a Nação não percam nunca de vista que a fecundidade da terra é a unica fonte das riquezas, e é a Agricultura que as multiplica, porque *o augmento das riquezas assegura o augmento da população.*»

Os physiocratas conceberam: a natureza humana como immutavel e o *meio physico* como susceptivel, capaz de fornecer indefinidamente a necessaria substancia (vitalidade) a um organismo social crescendo e desenvolvendo-se, segundo as leis e condições proprias de sua existencia.

É certo, porém, que os physiocratas, não obstante considerarem a agricultura como a *única* fonte das riquezas, se occuparam também de outros factos e operações economicas, embora subordinadas ao seu principio fundamental.

Assim: a divisão do trabalho, os processos e operações commerciaes, as vantagens do credito, as attribuições do Estado e as funções do governo, sob o ponto de vista economico, e as garantias juridicas da propriedade e do trabalho foram, para elles, objecto de profundas e sabias observações.

Melhor talvez, do que os mais abalisados economistas contemporaneos, mostraram a funesta influencia da taxa legal dos juros, sustentando nisto, como em tudo, a liberdade das transacções.

Precursores de Malthus, presentiram pelo menos a relação que existe entre a *população* e a riqueza, relação que, mais tarde, Malthus veio determinar e formular com a sua theoria.

Adão Smith, aproveitando os salutaes principios e severas maximas de liberdade e justiça e as grandes leis economicas, descobertas e formuladas pelos physiocratas, corrigindo alguns dos seus erros ou equivoccos, sendo o principal o exclusivismo ou privilegio em favor da agricultura, encarando o mundo economico sob um outro ponto de vista, sem todavia abandonar ou esquecer aquelle, para o qual se havia dirigido e em que se tinha concentrado toda a attenção investigadora e esforço scientifico dos physiocratas, não só aperfeiçoa, e completa a sua doutrina, mas alarga os dominios da sciencia, propõe e resolve muitos ou-

tros problemas economicos, e estende-a, além do trabalho *agricola*, ao trabalho *manufactureiro*, ao *commercio*, a todo o mundo industrial. Estuda a *organisação do trabalho*, procura descobrir e formular as leis que regem o mundo industrial, na complexidade dos seus phenomenos, em todas as variadas fórmãs e applicações da sua actividade transformadora, accrescentando áquelle primeiro factor economico—a *terra*, um outro, não menos importante e valioso, necessario e reciproco,—o *trabalho*, estabelecendo entre elles uma relação constante de interdependencia, cooperação e solidariiedade.

E como todo o trabalho, toda a industria, se resolve na actividade humana, e esta reside integralmente na *população activa e industrial*, Adão Smith reune ao factor—*territorio*, o factor *população*, que outros mais approximaram, e intimamente ligaram em suas naturaes e necessarias relações de coexistencia e reciprocidade.

Segundo Adão Smith a *terra* sem o *trabalho* permaneceria economicamente inerte e improductiva; o *trabalho* sem a *terra* não teria materia prima, sobre a qual podesse exercer o seu poder de multiplicação e de transformação, nem espaço onde manifestar e expandir as suas energias até certo ponto verdadeiramente *creatoras*.

«O trabalho annual de uma nação, diz Adão Smith, é o *fundo primitivo* que fornece ao seu consumo annual as cousas necessarias á vida; e estas cousas são sempre ou o seu producto immediato, ou compradas ás outras nações com esse producto.»

Logo, toda a riqueza provém, segundo Adão Smith, do trabalho e ella póde ser conservada, destruída ou accumulada pela *reserva*.

A que se accumula e reserva divide-se em duas partes ou porções: uma para ser proxima-mente applicada á satisfação de nossas necessida-des pessoaes; outra para ser empregada na repro-ducção ou formação de novos productos, a qual constitue especialmente o *capital* (no sentido res-tracto).

Assim os *physiocratas* tinham procurado a fonte da riqueza na fecundidade da terra. É ella que offerece ao homem os meios de subsistencia, todos os elementos de riqueza.

Para Adão Smith a verdadeira fonte da ri-queza é o trabalho.

A terra não produz espontaneamente, gratui-tamente, essa riqueza, sem o esforço consciente ou inconsciente do homem.

No seu estado natural a terra offerece poucos e mesquinhos recursos á especie humana; nas suas condições nativas ella apenas poderá sustentar uma população rara e miseravel, reduzida á sua vida vegetativa e animal, nunca porém verdadeiramente social e politica.

Em uma tal situação economica, em um tal estado, os homens ou vegetam immobilizados no solo como a planta, ou vagueiam, e soffrem como o animal. Tal é a situação dos selvagens, sedentarios ou nomadas, ainda nas regiões do globo as mais fa-vorecidas pela natureza do solo e do clima.

Só a cultura, o trabalho do homem actuando

sobre a terra, á sua superficie e no seu interior, provoca, e desenvolve a sua fecundidade, transforma em energias productivas as suas potencias creadoras, mas inertes e preguiçosas, se o esforço humano, estimulado por varias e multiples necessidades, as não arranca ao seu habitual repouso, e não desperta a sua actividade latente.

A terra só por si não seria cousa alguma *util*, nada *valeria*, sem as necessidades e sem o trabalho do homem.

É elle, em ultima analyse, que da terra extrahе abundantes e ênexgotaveis productos, é ella a verdadeira e *unica* fonte de todos os recursos e, por isso, de todas as commodidades, gosos, prosperidades sociaes, da grandeza dos povos, do poder dos governos, dos progressos e civilisação da humanidade, que crescem, e aperfeiçoam á proporção que augmenta o trabalho, e se melhora a sua organização.

É o trabalho o grande e invencivel luctador, que vence e subjuga as resistencias passivas da terra, e por tal modo as conquista, e domina, que as converte em forças collossaes, que nas suas mãos de gigante se chamam *instrumentos* e *machinas* de trabalho, que o proprio trabalho cria, a que o proprio trabalho imprime actividade, e insuffla uma vida quasi humana.

Sem o *trabalho*, a *terra* é pois esteril, ou se cobre unicamente de plantas selvagens, de fructos, muitos amargos e insalubres, alguns até venenosos e mortiferos.

Sem o *trabalho*, o *capital* não póde existir; se

por acaso um qualquer esforço pudesse formal-o á custa de privações e soffrimentos, sem o *trabalho* permaneceria inteiramente improductivo.

Sem o *trabalho*, o caracter, a dignidade moral do homem, se porventura se manifesta, não tarda que se perverta, e degrade; o seu coração é estranho aos generosos sentimentos altruistas, e parece palpitar exclusivamente impulsionado pelos instinctos grosseiros e egoistas do animal; a sua intelligencia não se desenvolve, ao contrario embrutece.

Sem o *trabalho* as sciencias, as artes, as industrias, que tambem são trabalho e do esforço humano, material e immaterial, se alimentam, e a civilização não existiriam, seriam palavras, sem significação, sem applicação, sem valor, chimeras da imaginação sem realidade.

Sem o *trabalho*, finalmente, de nada serviria que a terra contivesse, e encerrasse no seu interior, jazigos minereos, metaes e pedras preciosas, tantos materiaes e substancias; tudo seria ignorado, inutil e sem valor, sem o *trabalho* que extrahе, e afeiçoa tudo isso ás necessidades da vida social, transformando essas producções espontaneas da natureza em productos industriaes e artefactos.

O *trabalho* é, pois, uma necessidade, uma lei universal e suprema; ao *trabalho* se reduz toda a vida do homem. «Aquelle que não quer trabalhar, disse energicamente S. Paulo, não é digno de viver.»

O *trabalho* é o poder maior e o mais caracteristico attributo da natureza humana; é o poder, inherente á natureza humana, de applicar o mundo

material e intellectual á satisfação das nossas necessidades organicas, individuaes e collectivas, ás commodidades e gosos da vida social.

Foram estas e outras semelhantes e analogas considerações, que levaram Adão Smith a estabelecer, como principio fundamental da *sciencia economica*, que o *trabalho* é a unica e verdadeira fonte da riqueza, o unico agente productor de *utilidades* e *valores*, o unico meio de fazer produzir a *terra*. É ao trabalho que as nações devem, os productos das suas *manufacturas*, os lucros do seu *commercio*, as descobertas da sciencia, as maravilhas da arte, os esplendores e opulencias da civilisação.

Occupando-se pois da *organisação do trabalho*, da acção e influencia das *industrias*, Adão Smith explica, de um modo e por uma fórma admiravel, os effeitos da *sua divisão*.

A necessidade da *distribuição* e da *troca*, para o aperfeiçoamento e diffusão dos seus productos por todo o globo.

A influencia da *offerta* e da *procura* na elevação e abaixamento dos *preços*; a determinação e a origem do *valor*, as leis da livre *concorrença* no mercado e a formal condemnação dos *monopolios*.

As funcções do *numerario* na circulação e troca dos productos, as vantagens do *credito* e das suas operações, das *letras de cambio* e do *papel moeda*.

A sua doutrina sobre os *impostos* differe essencialmente da doutrina dos *physiocratas*; estes apenas admittiam como *contribuintes* para as *despezas publicas* os proprietarios da terra, unicos, se-

gundo elles, que produziam a riqueza; Adão Smith, porém, impõe a *todos os cidadãos* a mesma obrigação, moral e juridica, de *contribuir* para as despesas e encargos do Estado com uma *quota proporcional* á sua fortuna, e traça, com sciencia e justiça, as regras do *lançamento e cobrança dos impostos*.

Não obstante os grandes e valiosos serviços prestados por Adão Smith á *sciencia economica*, e o grande impulso dado pelo benemerito pensador escocez á sua constituição e desenvolvimento, é facil verificar: que tão erroneo e insustentavel é o seu exclusivismo *industrial*, em relação ao *trabalho*, como erroneo e insustentavel é o exclusivismo *agricola* dos physiocratas, em relação á *terra*.

Neste amplo caminho, aberto por Adão Smith no seu livro monumental — *An inquiry the causes of the Wealth of nations* — 1776, proseguiram outros notaveis pensadores, entre elles o celebre Malthus, ao qual já nos referimos, e o não menos celebre Ricardo (7).

Ambos elles merecem ser contados no numero dos fundadores da moderna sciencia economica.

Ambos se applicaram ao estudo do *meio* physico, inorganico, organico inferior e organico superior ou hyperorganico (a terra, seus accessorios e a população humana; ambos affirmaram:—que a acção dos agentes naturaes experimenta grandes variações no tempo;—que a productividade decrescente dos agentes naturaes, opposta á invariabilidade do poder reproductivo da especie humana,

altera profundamente a concepção da *ordem*, e fará recuar o Direito, impotente deante das leis *physicas* que regem o mundo.

Ha nesta doutrina dos sabios mestres uma illusão, que a observação e a experiencia ha muito dissiparam, um erro de sciencia que os *socialistas* e os *neosocialistas* combateram, e o moderno positivismo experimental e scientifico eliminou.

Pelo menos é incontestavel hoje, é uma verdade adquirida para a sciencia—que o homem, que toda a especie humana, como todas as especies vegetaes e animaes, parte integrante do mundo, acompanha nas suas variações os agentes naturaes, que no meio *physico* a envolvem, sobre ella actuan, e reagem, e de muitos modos a influenciam, modificam e alteram os seus orgãos e funcções, que por suas acções e reacções modificam e alteram tambem, pelo menos em sua direcção, sentido e intensidade, os agentes naturaes, se não conseguem neutralisar ou annullar inteiramente a sua acção e influencia; nem o Direito, como complexo de garantias, é impotente deante das leis *physicas* do mundo, logo que, correlativa e proporcionalmente, se transforme, em harmonia com essas modificações e alterações, periodica ou accidentalmente realisadas, quer na natureza exterior, quer na especie humana, segundo as leis da evolução e do transformismo.

Tudo se modifica, tudo se transforma e, algumas vezes se altera profundamente e inteiramente se substitue, em a natureza *physica* e social, ou seja em virtude da acção continua e normal de uma lei

—a *evolução*, ou por força impulsiva de um movimento anormal e subito—a *revolução*.

A diversidade de climas, astronomicos e physicos, as variações de temperatura, a maior ou menor quantidade de chuvas e, por isso, a abundancia ou escacez das aguas, a quantidade e qualidade das floras e das faunas, estes e outros phenomenos do mundo physico, sujeitos a sensiveis variações, periodicas e accidentaes, produzem nos organismos e, por isso, no organismo social, variações, persistentes ou passageiras, correspondentes.

Além d'isso os physiocratas mostraram ignorar que os organismos sociaes, do mesmo modo que os organismos individuaes, variam, e mudam nas condições da sua constituição e na sua estrutura com as idades ou periodos de existencia, sujeitas egualmente á lei da evolução no seu crescimento, modificações e transformações organicas.

Determinados pela eschola de Quesnay e pela doutrina de Adão Smith, os dois factores primordiales ou originarios, como lhe chama Herber Spencer,—o territorio e a população industrial, Malthus no seu livro—*An essay on the principles of population*—1798, procurou determinar as relações entre as necessidades da população e a riqueza produzida por aquelles dois factores—a terra e o trabalho, segundo vimos, estabelecendo e formulando em *leis* de progressão essas relações.

Segundo estes pensadores, a população activa e industrial estava naturalmente distribuida e classificada nos seguintes grupos: os proprietarios da

terra, os capitalistas, os industriaes e os operarios; e cada um d'estes grupos deveria levantar uma parte nos interesses ou utilidades produzidas.

Essa distribuição ou repartição de utilidades ou interesses apresentou-se, desde logo, como a mais difficil e embaraçosa operação, como em todos os tempos, e hoje é ella que alimenta, e agrava, e, por vezes, revoluciona o mundo economico, como adeante veremos quando nos occuparmos dos *systemas* e *escolas* socialistas.

A maior difficuldade foi, desde logo, determinar a parte correspondente aos proprietarios da terra; e foi tambem esse o problema, que chamou particularmente a attenção do notavel economista Ricardo, propondo-se este determinal-a na sua theoria sobre—*a renda da terra*, theoria de que opportunamente nos occuparemos.

Todos estes verdadeiros fundadores da moderna sciencia economica se occuparam do Estado e das funcções do governo, como instituição representativa do Estado, relativas ao mundo economico, isto é, ao modo de ser das relações sociaes de indole e caracter economico, relações que derivam da producção, distribuição e emprego ou consumo da riqueza, para a satisfação das necessidades, individuaes e collectivas, da sociedade. E estudaram o Estado e as funcções do governo—já para garantir pelo direito a propriedade, o capital e o trabalho, segundo um principio de justiça distributiva,—já para proteger, favorecer e auxiliar o desenvolvimento e a organização economica por meio de reformas politicas, administrativas e financeira, der-

ramando a instrução profissional e emprehendendo obras publicas e todos aquelles melhoramentos tendentes a fecundar a terra e a aperfeiçoar as industrias, cada uma d'ellas em si e nas suas relações de mutuo auxilio e cooperação.

Aqui temos nós, pois, reunidos os factores que, segundo os modernos sociologistas engendram, e produzem todas as condições de existencia social — o *territorio*, a *população* e o *Estado*.

Aqui temos pois a materia sobre que tem de exercer a sua actividade investigadora toda a sciencia social, e por isso, a *Sciencia Economica* na parte que lhe toca, e sobre o seu ponto de vista especial, isto é, estudar o *territorio*, a *população*, e o *Estado* de modo a elaborar, a fazer circular, distribuir, apropriar ou assimilar, opportuna e efficazmente, as condições de vitalidade dos organismos sociaes humanos, procurando descobrir e formular ás respectivas leis naturaes, para prevêr e provêr ás necessidades individuaes e collectivas de toda a sociedade politicamente constituída.

Pretende a maior parte dos economistas, que fazem a Historia critica d'esta sciencia, e é crença vulgar que, além d'estes, ha um nome, o qual deve, com justiça e por direito, registrar-se entre os fundadores da *sciencia economica*: — João Baptista Say, professor e escriptor, sem duvida, notavel, propagou e coordenou em o seu *Tratado de Economia Politica*, publicado em 1803, as descobertas, os principios e as leis, numa palavra, as doutrinas d'aquelles grandes mestres—Quesnay, Smith, Malthus e Ricardo; e por isso o consideram

chefe e inspirador da escola economica, denominada *sincretica* ou *harmonica*, por que todo o seu empenho foi combinar, em uma *synthese*, as antitheses, mais apparentes do que reaes, que pareciam separar em inconsiliaveis opposições e antagonismos radicaes a doutrina de Quesnay da doutrina de Adão Smith, a escola *physiocrata* da escola *industrial*.

E em verdade, se não completou, sem duvida que aperfeçoou, neste sentido, a obra dos grandes mestres; não dotou, porém, a sciencia com descobertas novas, nem a sua doutrina e o seu methodo offerecem originalidade sensivel.

J. B. Say fez o que, depois d'elles, outros muitos fizeram, e em nossos dias fazem: coordenou os materiaes que lhe legaram, desenvolveu e propagou os conhecimentos economicos que as investigações e descobertas precedentes lhe transmittiram; e em alguns pontos perturbou a harmonia, em vez de a estabelecer ou consolidar, e aggravou as opposições e antagonismos das duas escolas, se porventura existiram, e levantou outras que ainda duram, com a sua empirica e scientificamente inadmissivel distincção entre productos *materiaes* e *immateriaes*, riquezas da materia, riquezas do espirito e do coração, chamando para o campo da *Sciencia Economica* o que manifestamente pertence a outras sciencias, alargando os seus dominios por todas as relações sociaes e comprehendendo na esphera da *Sciencia Economica* todos os generos e fórmas de actividade, todos os trabalhos e profissões.

E nisto fazem consistir todo o seu alto merecimento.

Como veremos ha aqui um equivoco, uma illusão. Sem duvida que todos os generos e todas as fórmas de actividade têm um lado, um aspecto economico; mas nem todos os generos e fórmas de actividade, nem todas as relações sociaes, se exceptuarmos o ponto de vista particular ao qual a *Sciencia Economica* se refere, pertencem ao dominio d'esta sciencia.

Os productos do espirito, a actividade intellectual, as virtudes e os sentimentos altruístas, bem como a profissão do educador, do professor, do medico, do advogado, do funcionario publico e outras, certamente são uteis, representam um valor, formam a principal riqueza d'uma sociedade e nos dão a medida e o alcance da sua grandeza e do seu grau de civilisação.

Não são, porém, essas as utilidades, os valores, a riqueza o objecto, do qual a *Sciencia Economica* tem de occupar-se; a não ser que as encaremos sob o ponto de vista especial e restricto, que é o ponto de vista economico.

Assim a educação, a instrucção, a cultura e desenvolvimento da sciencia, a pratica da caridade, as crenças e o culto religioso, o governo e a administração do Estado, a segurança publica, a defesa nacional, a hygiene, a medicina, os socorros medicos e tantas outras condições de existencia, de reconhecida utilidade e incontestavel valor, que se produzem, circulam, distribuem, trocam e

apropriam na vida social, que se compram e vendem, todas estas utilidades que se adquirem, e pagam, como outros quaesquer productos ou mercadorias, todas estas coisas têm o seu lado economico e entram, portanto, no dominio d'esta sciencia, mas é unica e exclusivamente por esse lado.

Assim a educação e a instrucção carecem de ser, organicamente, alimentadas; os serviços de hygiene e segurança publica, a direcção politica e a gerencia dos interesses do Estado precisam de meios, que fomentem, materialmente, a sua vitalidade.

Não é porém a *Sciencia Economica* que hade estabelecer os principios, assentar as bases, dictar as leis e prescrever as regras de um bom systema de instrucção e de educação e formular os seus programmas, ainda mesmo da instrucção e da educação professional.

Egualmente lhe não incumbe tractar da organização politica, administrativa e judiciaria, nem cuidar da hygiene e da segurança publicas.

Não lhe pertence aperfeiçoar os costumes, moralisar os povos e approximar as classes e os individuos da egualdade e da fraternidade christã; muito embora, pelos seus effeitos e pela sua influencia, ella possa concorrer e contribuir muito, para isso e para tudo o mais que deixamos apontado.

Comquanto todos estes generos e fórmias de actividade, concorram, e contribuam por uma relação de cooperação e solidariedade para o desenvolvimento da actividade economica, recebem, por igual vigoroso impulso e poderoso auxilio; cada um d'esses generos de actividade tem, como funcção

social distincta e coordenada na actividade integral de qualquer sociedade, a sua esphera d'acção propria e o orgão ou apparelho correspondente appropriado.

Do mesmo modo que no organismo individual as funcções digestivas e de circulação influem directa ou indirectamente sobre a sensibilidade nervosa e sobre as funcções do cerebro, e da nutrição do corpo dependa a actividade do espirito e as emoções da alma; do mesmo modo nos organismos sociaes a actividade economica, as condições de vitalidade organica influem entre todas as outras funcções e condições de existencia, como a seu tempo o verificaremos e scientificamente o demonstraremos.

Veremos então que não ha motivo, nem fundamento, para distinguir entre productos materiaes e immateriaes, necessidades do corpo e necessidades do espirito, utilidades physicas e utilidades moraes, profissões liberaes e profissões mechanicas, como diziam os antigos.

A tão preconisada descoberta *genial* de J. B. Say em nada adiantou a sciencia, e só serviu para lançar a perturbação e a discordia e provocar divergencias e antagonismos de opinião, de systhema e até de eschola no campo da *Sciencia Economica*, que os physiocratas, Adão Smith, Malthus e Ricardo nos deixaram arroteado, semeado e apto a produzir abundante e sadia colheita.

Não podemos todavia deixar de reconhecer que são valiosos os serviços prestados por J. B. Say á *Sciencia Economica*.

Foi elle talvez o primeiro que separou o es-

tudo da *Sciencia Economica* da sciencia da Politica e da sciencia da Administração, com as quaes andava, theorica e praticamente, misturada e confundida.

Tentou marcar os seus limites, que, por fim, veio a confundir com a distincção, a que acima nos referimos, e fazer a exposição clara e methodica dos seus principios, considerando-a como a sciencia da producção, distribuição e consumo das riquezas, segundo as leis naturaes que determinam, e regem estes grandes phenomenos sociaes, e empregando uma nomenclatura technica e apropriada para os designar nos seus elementos e relações.

O seu principal merecimento está, porém, em ter systematisado as theorias dos physiocratas e de Adão Smith, harmonisando-as e pondo de accordo as afirmações e principios das duas êscholas.

Para elle, a fonte da riqueza não está sómente na terra, como pretendiam os physiocratas, nem exclusivamente no trabalho, como parecia ter sustentado Adão Smith; mas no concurso d'estes dois factores, na acção intelligente do homem e das potencias ou forças da natureza, sabiamente combinadas nos processos e operações industriaes.

Todo o trabalho humano, segundo elle, se reduz a tres grandes ramos ou secções—a *agricultura*, a *industria* e o *commercio*. Esta classificação, tradicional e empirica, recebeu d'elle a sancção e os fóros de classificação scientifica, para ser mais tarde regeitada por insufficiente e confusa.

As terras, garantidas por um direito de pro-

priedade, e os capitaes, formados pela reserva e accumulacão dos productos, são os principaes factores da producção; a actividade do homem, combinada com a actividade da natureza, os instrumentos e as machinas imprimem o movimento e a vida a todo este conjuncto de forças e recursos, que fazem das riquezas o patrimonio das sociedades.

O trabalho, porém, (e no que vamos dizer está para uns a sua originalidade e a sua grande descoberta, e para outros o seu maior erro) não se exercita unicamente sobre a materia, mas tambem, talvez mais directa e energicamente, sobre o espirito; de modo que do trabalho resultam, segundo elle, seus discipulos e apologistas, como foram, na Allemanha Rau principalmente, em França Storch e ultimamente Dunoyer, duas ordens de productos — materiaes e immateriaes, como já dissemos.

É notavel, porém, a incoherencia de J. B. Say, o qual, ao mesmo tempo que reconhece a possibilidade de se accumularem os productos materiaes, sustenta que as utilidades, os valores, produzidos pelo trabalho litterario e scientifico e pelas energias moraes da sociedade, não podem ser accumulados e, por isso, constituir fundo de reserva, formar capitaes; quando é certo que nenhuns productos melhor se prestam á accumulacão e á reserva para formar o enorme capital scientifico, litterario e artistico da humanidade, que constantemente o emprega, reproduz, accrescenta e aperfeiçoa sem o consumir.

O que dizemos da Sciencia, da litteratura e das

bellas-artes pôde egualmente applicar-se á moralidade, aos actos de beneficencia e amor do proximo.

Constituição da Sciencia e Escolas Economicas

Nesta altura devemos considerar constituida a *sciencia economica*; e assim o julgam aquelles que, no campo da sua historia, se occupam d'esta sciencia.

Os *systemas* — *prohibitivo*, *proteccionista* e *mercantil* ou da *balança do commercio*, muito embora empiricos e de caracter pratico, producto mais das combinações da *arte de bem governar e administrar o Estado*, do que de principios e leis scientificas de caracter geral e abstracto, coordenados em theoria, — todos esses *systemas* forneceram materiaes, que, expurgados de muitos erros e habilmente afeiçoados, serviram de elementos primordiaes na *formação* e depois na *constituição* d'esta sciencia, como rapidamente vimos.

O proprio *systema* de Low, dando vigoroso impulso ao *regimen bancario* e ás complexas *operações do credito*, poderosamente para isso contribuiu.

Foram esses *systemas*, por mais viciosos e erroneos que nos pareçam hoje, que provocaram os estudos e as especulações theoricas dos *physiocratas*, como estas provocaram as investigações profundas de Adão Smith e seus discipulos, as quaes, por sua vez, produziram o *systema industrial* ou *industrialista*.

O ensino e as obras de J. B. Say lograram

conciliar, pelo menos, os principaes antagonismos e harmonisar as divergencias entre *physiocratas* e *industrialistas*, e reunir em *synthese* principios, que pareciam eternamente separados e oppostos em *anthiteses* irreconciliaveis, dando origem e lançando as bases do *systema syncretico* ou *harmonico*, attribuido a J. B. Say.

Graças a todos estes *systemas*, a *Sciencia Economica* chegou nos começos d'este seculo a reunir as condições de um verdadeiro *organismo scientifico*, particular e independente, com todas as garantias de viabilidade e progressivo desenvolvimento.

— *Objecto*, mais ou menos, precisamente, determinado.

— *Methodo* proprio, com processos mais ou menos assentes, e operações, mais ou menos definidas.

— *Nomenclatura* especial e apropriada aos *phenomenos* e leis respectivas, que formam o seu *objecto*.

— O *ensino* e a *cultura*, *official* e *extra-official*, d'esta *Sciencia* como cousa necessaria, util e aprazivel.

Foi então que o estudo dos *factos* e *das leis* do mundo economico, sob o ponto de vista especulativo, se generalisou; e a elle *especialmente* consagraram a sua dedicação e o melhor dos seus esforços homens de talento e genio superior, de coração generoso e philantropico, estimulados e energicamente impellidos para este campo de exploração scientifica e animados em suas lucubrações não só

pela curiosidade de saber, mas tambem pelo amor da humanidade, cujo bem-estar e prosperidade, cujo aperfeiçoamento lhes parecia depender principalmente, e effectivamente depende, do melhoramento das *condições economicas* da sua existencia, e, por isso, do progressivo desenvolvimento da sciencia que as tem por objecto.

A util applicação que dos principios d'esta *sciencia* começou, desde logo, a fazer-se, derivando d'esses principios e preceitos e formulando regras d'*arte*, mais afervorou o gosto e a dedicação pelos estudos economicos, provocados e justificados tambem pelas circumstancias do periodo revolucionario, da grande crise social, que os povos e as nações laboriosa e afflictivamente atravessavam.

Só os nomes dos cultores da sciencia economica e o catalogo das suas obras, desde J. B. Say até meados d'este seculo, formariam um grosso volume.

Multiplicaram-se as opiniões e os systemas; a um tempo surgiram varias e oppostas theorias; formaram-se escholas e partidos rivaes, e á lucta dos interesses e das paixões, dos preconceitos e do facciosismo, que traziam agitadas e convulsas as sociedades, correspondia a lucta das ideias no campo da *sciencia economica*, lucta na qual, se não faltavam a experiencia è o raciocinio, a verdade e o bom senso de muitos, abundavam tambem a imaginação e o preconceito, o erro e a obstinação de alguns.

Escholas rivaes se formaram; e umas e outras gastaram muito tempo e esforços preciosos em

vans controversias e estereis discussões, quando poderião ter sido utilmente empregados seguindo, tranquilla e conscienciosamente, o caminho seguro da observação e da experiencia, guiadas pelas operações do raciocinio.

Quando em França rebentou a revolução de 1848, que proclamou a segunda republica, revolução já não tanto de indole e aspirações politicas, mas principal e accentuadamente economicas, os cultores d'esta sciencia estavam divididos e aggrupados, bem ou mal, em duas grandes *escholas*, ambas de feição mais ou menos *revolucionaria*; ás quaes poderemõs accrescentar una terceira, mais do que *tradicionalista* ou *conservadora*, com tendencias, até certo ponto, *retrogradas*.

—A *Eschola economica liberal*.

—A *Eschola economica socialista*.

—A *Eschola economica christã*.

Ás quaes devemos hoje accrescentar:

A *eschola economica anarchista*.

E ainda outras que procuram a conciliação.

—*Escholas economicas eccléticas*.

Taes são a — *eschola economico-socialista*, o *anarchismo individualista*, o *anarchismo socialista*, o *socialismo christão*, etc.

Mais tarde procederemos ao exame e critica d'estas differentes *escholas*, subordinando-as, quanto á doutrina, a outra maior divisão anterior, da qual são apenas uma particularisação secundaria.

Das tres primeiras *escholas*, das quaes as outras são derivações ou modificações mais ou menos profundas, diremos, por agora, simplesmente para

as caracterisar e distinguir de um modo geral, o seguinte:

A eschola *economica liberal* mantem, e pretende levar até as suas ultimas consequencias, evolucionarias e revolucionarias, as velhas tradições da propriedade e liberdade individuaes, sob as garantias do *direito*, representado e exercido pelo Estado.

A eschola *economica socialista* quer a communhão ou o collectivismo na propriedade e a subordinação da liberdade individual pela cooperação e solidariedade social, indiscriminavel ou proporcional, na organização do trabalho e distribuição da riqueza, reduzindo, quanto possivel, a intervenção do Estado e as funções do governo, na esphera economica, até á ultima aspiração de as eleminar inteiramente, como pretende o *anarchismo*, ou absorvendo a sociedade no proprio Estado e confundindo-a com elle.

A eschola *economica christã* pretende que á solução dos problemas sociaes e questões economicas presidam os principios e os preceitos religiosos, a moral christã, para estabelecer a harmonia dos interesses, a concordia das classes (proprietarios, capitalistas, industriaes e operarios), supprimir a miseria, aliviar a indigencia, alcançando, como ultimo resultado, a fraternidade e a paz universal, contrariada pelo egoismo, perturbada pelas ambições, pela paixão de interesses pessoaes e exclusivos.

Para avaliar até que ponto se travaram, e re-crudesceram as divergencias, as rivalidades, as re-

criminações e as luctas entre estas escholas, as quaes, degladiando-se e, não raras vezes, esgrimindo no campo da *sciencia economica*, invadiram os dominios da *politica*, da *administração*, da *móral*, do *direito* e da propria *religião*, rompendo fogo e encarniçadas hostilidades, como costuma dizer-se, em toda a linha, bastará ver como uns e outros se julgavam, e definiam em suas mutuas apreciações e ferozes arremetidas.

Assim, Frederico Bastiat, um dos mais genuinos representantes da eschola economica *liberal*, um dos mais acerrimos paladinos na defesa do individualismo economico, escreveu:

«Existem para a sciencia social duas grandes escholas:

1.º A dos *economistas*, a qual emprega um processo scientifico: ella verifica, estuda, aggrupa e classifica os factos e os phenomenos; investiga as suas relações de causa e effeito, e do conjuncto ou sommá de suas observações deduz (deveria dizer *induz*) as leis geraes e providenciaes, segundo as quaes os homens prosperam ou definham. D'ahi este famoso axioma: «*Laissez faire, laissez passer*,» contra o qual se indignam os utopistas, mas que nada mais é do que a periphrase exacta do termo *liberdade*, que elles inscrevem, como lemma, em todas as suas bandeiras.»

2.º A dos *socialistas*, a qual procede pela imaginação: a sociedade é, para ella, materia de experiencias; não quer leis providenciaes, mas regulamentos de sua invenção. Ella devia produzir, e effectivamente produziu, innumeraveis seitas; ve-

de, com effeito, entre as principaes; a *republica*, de Platão; a *utopia*, de Thomas Morus; a *oceanea*, de Harrington; o *Salento*, de Fenélon; o *regimen protector*; o *owoenismo*; o *saint-semonismo*; o *fourierismo*, etc. . . .

«Este methodo *inventivo* devia arrastar fatalmente consigo a anarchia das intelligencias—*parce qu'il y a l'infini parier contre un qu'une infinité de rêveurs ne feront pas le même rêve* . . . (parece que o infinito apostou contra um que uma infinidade de sonhadores nunca teriam o mesmo sonho. . .) «Para abreviar, diz Bastiat, eu chamarei a uma eschola *economica* ou *liberal* e a outra eschola *arbitraria*, ou eschola do *constrangimento*».

É digno de ler-se sobre o mesmo assumpto o que Bastiat escreve no seu artigo *A la geunesse française*, com a qual faz a apresentação do seu bello livro—*Harmonies Économiques*.

Por outro lado e em defeza das ideias socialistas, ergue A. Lamartine a sua eloquente e auctorisada palavra:

«Ha em economia politica, diz elle, duas escholas: uma ingleza ou materialista, que trata os homens como quantidades inertes; que falla na linguagem dos algarismos, receiosa de que um sentimento bom ou uma ideia generosa penetre no seu systema.»

E com effeito Lamartine accusa severamente esta eschola: de promover a abolição da esmola, a suppressão da mendicidade, a extincção dos hospícios e asylos de caridade, o abandono da miseria para além das leis, a maldição e anathema ao exces-

so da população, a interdicção do casamento, o instigamento ao celibato esteril e desolador, o encerramento das rodas dos expostos, etc.; a qual, finalmente, entregando tudo á livre concorrência e ao egoismo desordenado e brutal das paixões individuais, diz seccamente aos proletarios — «trabalhae: — «Nós não temos trabalho: — «Nesse caso deixae-vos morrer de fome, visto que não produzis cousa alguma.»

Uma outra escola nasceu em França, accrescenta em seguida Lamartine, das angustias e tristezas do proletario; . . . do egoismo dos manufactureiros; . . . da dureza do capitalista; . . . das entranhas da philantropia; dos sonhos anticipados de uma epocha inteiramente ideal; parece que ella pretende levar a virtude até á chimera . . . »

Em seguida, e para mellhor caracterisar as duas escolas, exclama: «aquella não tem alma; esta não tem limites na paixão do bem! . . . »

Isto basta para mostrar o ponto e a exaltação, a que chegaram as luctas e as rivalidades entre *economistas liberaes* e *economistas socialistas* ou simplesmente *socialistas*.

Deante d'este espectaculo e no meio d'estas luctas, surgem almas piedosas e espiritos bemfazejos, como F. Huet, José Droz, Alban de Villeneuve e muitos outros, e disseram:

A *Economia politica* moderna, annunciando-se e inculcando-se como a *sciencia social* por excellencia, e engeitando o apoio do *elemento christão*, entregou nas mãos da *industria* o sceptro da civilisação, e prometteu que uma nova edade de ouro

proviria da *concorrença universal* e da *produção indefinida*, garantidas pela *liberdade* do trabalho e da *troca*; annunciou o *nivelamento das classes* e a queda das velhas instituições. As riquezas, porém, augmentaram nas mãos dos ricos *proprietarios, industriaes e capitalistas*, e as miserias cresceram no seio das *classes trabalhadoras*; a penosa e afflictiva situação dos *operarios* aggravou-se, recrudescceu.

É necessario, é urgente, por isso, substituir o sentimento de caridade e de justiça ao sentimento material e egoista do interesse industrial; não basta attender unicamente ás commodidades e gosos d'este mundo, mas olhar tambem, e seriamente, para um futuro mais solido e duradouro.

As virtudes religiosas das classes operarias levam-as mais facil e efficaçmente ao bem-estar, e do bem-estar ao aperfeiçoamento moral, que ellas provocam, e estimulam.

Desgraçadamente quizeram substituir a *agricultura*, fonte principal da riqueza, pelo *industrialismo*, causa efficiente e occasional de ruina e demoralisação, segundo a opinião do proprio Adão Smith, que tanto se esforçou em favor do *trabalho util* e da verdadeira industria.

F. Huet (*Le Regne Social du Christianisme*, 1852—Dessein de l'ouvrage), é mais explicito:

«Duas grandes opiniões, dous poderes, hoje divididos, e que se julgam irreconciliaveis, diz elle, abalam o mundo com os seus combates, e ameaçam, em uma lucta suprema, tudo sepultar debaixo de suas ruinas. Um d'estes poderes chama-se a **Egraja** e sua doutrina, o **Christianismo**; a outra

chama-se a **Revolução** e a sua doutrina, o **Socialismo.**»

• Se attendermos ao que, por toda a parte, se repete e apregoa, entre o **Christianismo** e o **Socialismo**, entre a **Egreja** e a **Revolução** não ha, não poderá haver accordo possível. Os povos não poderão conquistar o repouso e a felicidade senão arrancando do seu seio um dos dous principios, para entregar ao rival triumphante o domínio exclusivo. De uma e outra parte existe a mesma precipitação e loucura: -- ha um monstro a exterminar. •

• Uma convicção bem differente entrou, e se fortaleceu em minha alma. Tenho meditado, á luz dos tempos modernos, sobre a missão do Salvador do mundo; procurei beber nas fontes sagradas o ensino social do christianismo: e afastando o que vem dos homens, para attender ao que nos vem de Deus, conclui manifestamente que a redempção christã consiste, não sómente em formar pela **Egreja** cidadãos para o ceu, mas tambem em formar e constituir neste mundo uma livre e fraternal sociedade civil, aquella mesma sociedade cuja victoria a **Revolução**, purificada dos seus excessos, deve assegurar. Interroguei, com imparcial ardor, as diversas doutrinas que, com o nome de **Socialismo**, tão profundamente têm revolvido os nossos tempos; recolhi todos os votos, todas as promessas da economia e da politica; e afastando o que vem das paixões ou da ignorancia, para sómente attender ao que resalta do movimento geral dos espiritos e que o instincto do povo acolhe, tornou-se para mim

claro e evidente, que estas idéas de libertação, que por ali pregam como uma revelação nova, ou reproduzem fielmente o Evangelho, ou são as consequências necessarias dos seus dogmas.»

D'estes e d'outros semelhantes pensares e piedosas considerações nasceu a chamada *escola economica christã*, principalmente d'indole e character socialista; a qual, em nossos dias, recebeu novas forças e alentos da intervenção, mais ou menos directá, do actual chefe da Egreja, o pontifice Leão XIII, na solução da complexa e embaraçosa questão social ⁽⁸⁾.

Das tres escolas, incontestavelmente a que tem deante de si mais largo e promettedor futuro é a *escola economica socialista* de character scientifico, como, entre outros, o affirmam M. H. Denis, em um artigo publicado na *Philosophie Positive Revue*, 1879, T. 23, onde se lê: «O futuro dará o nome de *phase positiva* a esta nova phase do desenvolvimento da sciencia; não porque a philosophia positiva tenha, directamente e por si só, determinado uma tal transformação; as grandes transformações scientificas são sempre o resultado da convergencia de esforços multiplos.»

«Muitas escolas têm cooperado para dar esta nova direcção á sciencia: as escolas socialistas, pela audacia das suas criticas e profundeza dos trabalhos de seus mais illustres representantes; os socialistas cathedrauticos, pela extensão e seriedade das suas investigações; os proprios economistas da velha escola, pela critica á qual elles têm submettido ás suas proprias doutrinas.»

Esta mesma opinião parece dominar também o espirito de Oliveira Martins, o qual, em um artigo—*O socialismo contemporaneo*,—a proposito do livro sobre o mesmo assumpto, publicado por Em. de Laveleye, inserto no *Instituto*, T. XXXI, 1873 a 1874, pag. 257, escreve o seguinte:

«Se o numero e a pujança dos sectarios é prova da vitalidade de uma doutrina, bem se pôde dizer que morreu o naturalismo economico dos Ricardo, dos Malthus, dos Carey, dos Bastiat, dos Say e de tantos outros e tão illustres. Os mestres da Economia Politica, tanto tempo havida por orthodoxa, foram-se, e não apparece um só nome digno de menção para herdar a responsabilidade de tantas proposições consideradas absolutas, nem para proseguir no uso de um methodo por tanto tempo julgado unico e verdadeiro.»

«Dos derradeiros creadores da Economia Politica, Stuart-Millacahon, morrendo com mancha de heresia; e o auctor de que nos occupamos agora, o professor illustre da Universidade de Liège, o publicista eminente por tantos titulos, o sr. Em. de Laveleye, abandonou com armas e bagagens a eschola onde se educara para se alistar na phalange triumphante dos «socialistas cathedrauticos.»

E na verdade a solução, technica e pratica, das questões economicas, se não passou inteiramente ao dominio e posse das escholas socialistas, está principalmente entregue, de facto e de direito, áquelles dos *socialistas*, que, pondo de parte a doutrina metaphysica e o methodo *á priori*, renunciando ou engeitando os processos revolucionarios,

collocam dentro da *doutrina scientifica* ou *positiva*, e submettem aos processos do *methodo experimental* ou de *observação* os problemas economicos, cujos *dados* são hoje mui diversos d'aquelles que os *economistas liberaes*, providencialistas ou revolucionarios, faziam entrar nas suas, mais ou menos imaginosas, operações e calculos.

A *evolução* e o *opportunismo* caracterizam tambem a *escola socialista scientifica*.

É pois sob este ponto de vista moderno, actual e na *previsão* de futuras e *opportunas* transformações *evolutivas*, que vamos estudar as *primeiras noções*, os *principios fundamentaes* e as *grandes leis*, que formam a *doutrina*, e são a base da *Sciencia Economica*, segundo os processos e operações do verdadeiro *methodo scientifico*, o *methodo de observação*, o qual, como veremos, a tem renovado quasi inteiramente.

NOTAS PAG. 26

(1) SULLY (Maximiliano de Béthume, barão de Rosny, duque de Sully) primeiro ministro de Henrique IV, elevado ao posto de marechal de França em 1634, nasceu em Rosny a 13 de dezembro de 1560.

A casa de Béthume, já celebre no X.^o seculo e durante as «cruzadas», havia-se illustrado por alianças com a maior parte das mais nobres familias da Europa, com os imperadores de Constantinopla e com os reis de Jerusalem.

Verdadeiro homem de bem, homem de genio, mostrou-se em toda a sua longa carreira publica, começada aos dezeseis annos, amante do povo e dedicado ao rei.

Se foram grandes e notaveis os seus feitos militares, maiores e mais notaveis ainda se ostentaram os seus successos como «diplomata» e os seus actos como «ministro», auxiliando, com seus vastos conhecimentos, infatigavel actividade e assidua vigilancia, o governo de um principe, cujo pensamento dominante e continua preocupação parecêr serem o bem-estar e a felicidade do seu povo.

Foi como ministro, economista e financeiro, que elle nos legou, entre outros importantes documentos que attestam a sua capacidade, o seu incuestionavel merecimento de homem de sciencia e estadista, a sua obra—«Les économies royales et les servitudes loyales» na qual apparecem já os primeiros rudimentos da «sciencia economica», segundo as ideias d'aquelle tempo (1634).

(2) COLBERT (J. B.) Filho de um mercador ou fabricante de pannos, nasceu em Rheims em 1619.

Colocado em 1648 junto do ministro Letellier, desde logo lhe inspirou, e mereceu toda a sua estima como empregado de confiança.

Sendo recommendado ao cardinal Mazarin, foi por este encarregado da administração geral do dominio da corôa, logar que elle desempenhou com superior intelligencia e enexcedivel zêlo.

Depois da morte de Mazarin, 1661, succedeu a Fouquet, «sub-intendente» de finanças, seu inimigo pessoal, e em cuja ruina tomou uma parte muito activa.

Sem ter o titulo e as honras officiaes de «primeiro ministro», exerceu todavia o poder e as funcções de tão elevado cargo, sobrando ao mesmo tempo as tres pastas—das finanças, da marinha e da casa real.

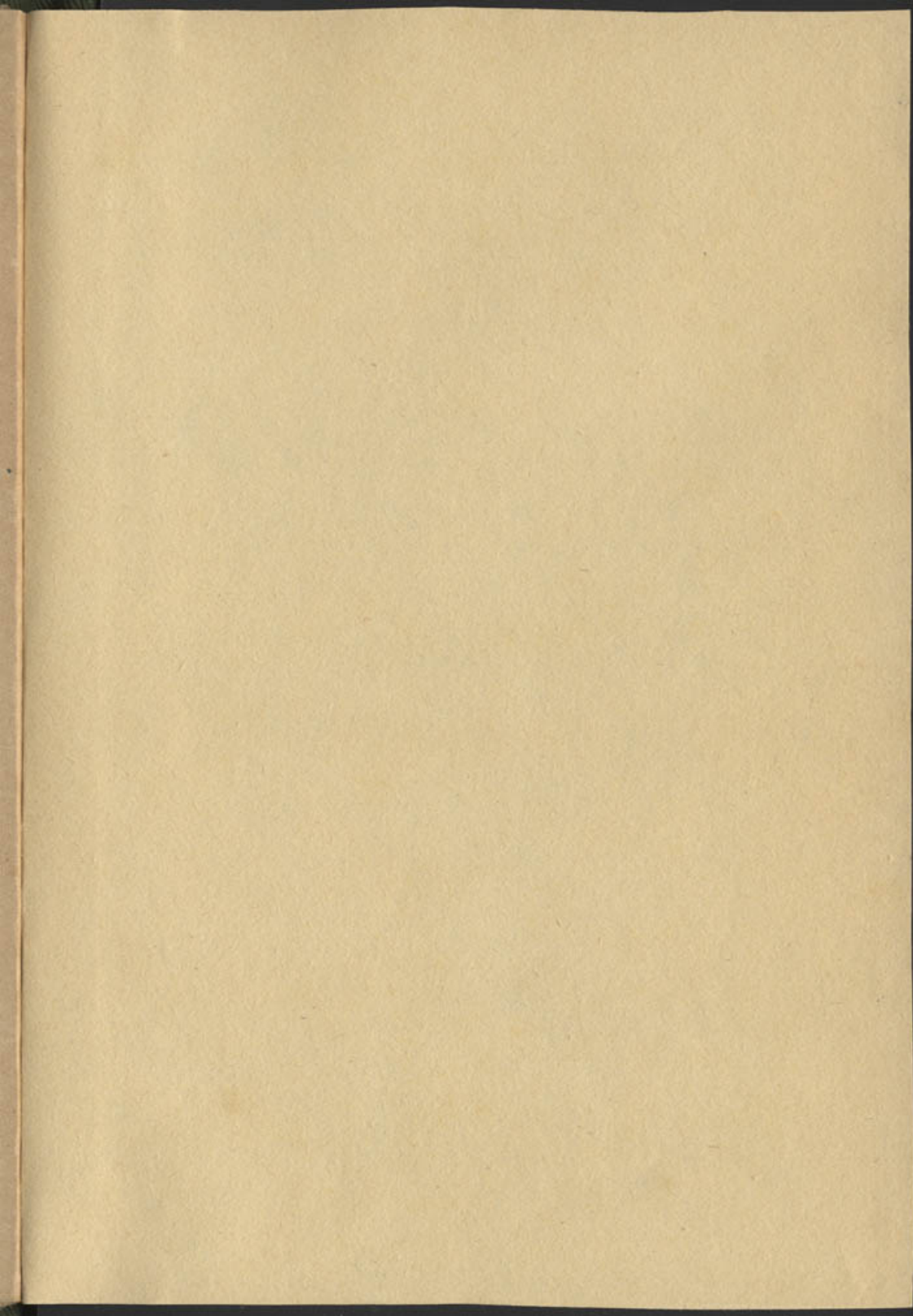
Organizou, com todo o poder do seu genio reformador, os serviços da marinha; protegeu as artes e as sciencias; restabeleceu as finanças; fundou um sabio e bem combinado systema de administração, e espalhou em toda a França a grandeza e o esplendor, que fizeram do reinado de Luiz XIV um dos maiores e mais brilhantes periodos da moderna historia.

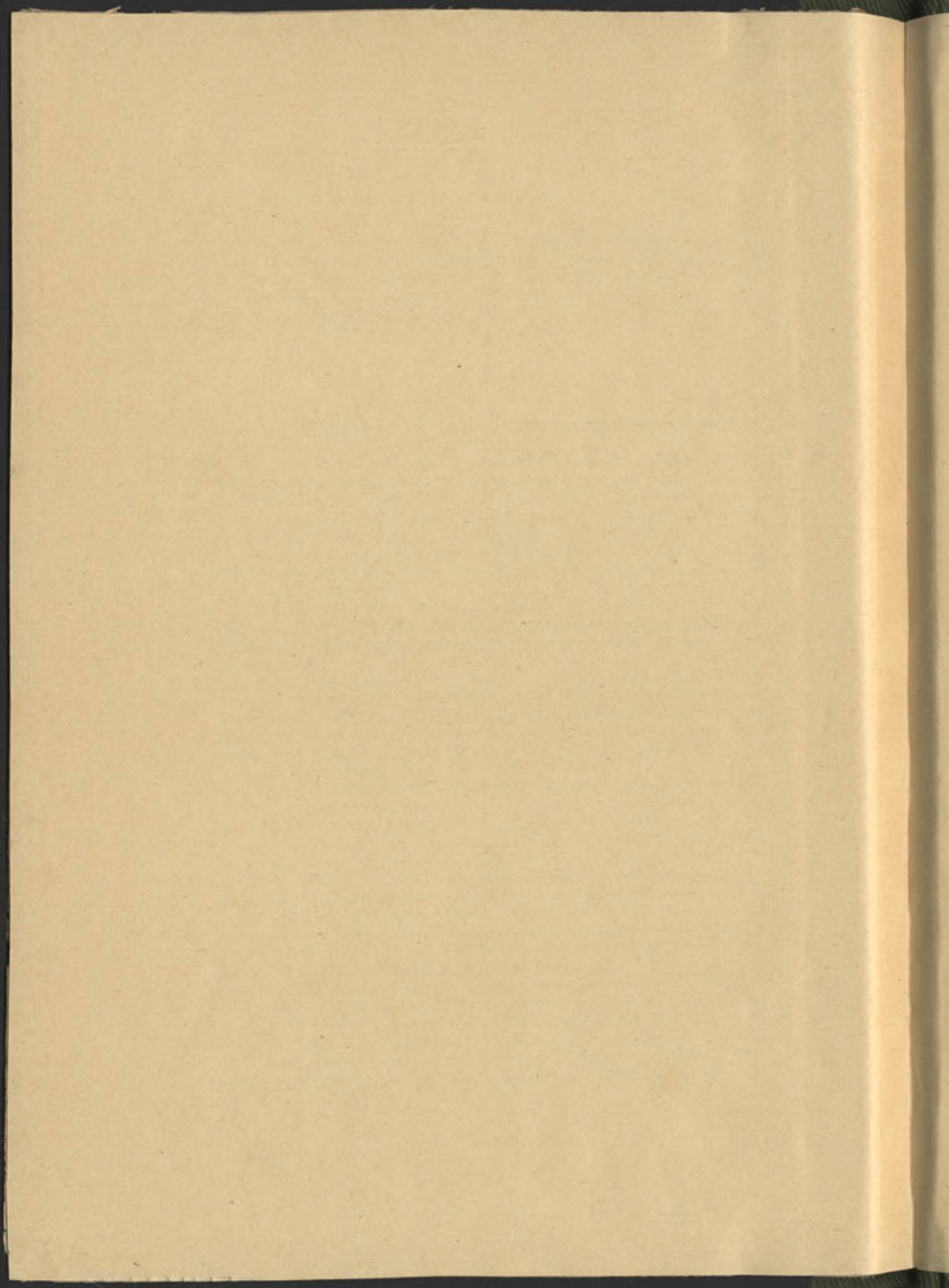
E á sua sabia previdencia, habil direcção e gerencia financeira, que se deve attribuir em parte as brilhantes e gloriosas victorias que n'aquelle tempo illustraram e engradeceram a França.

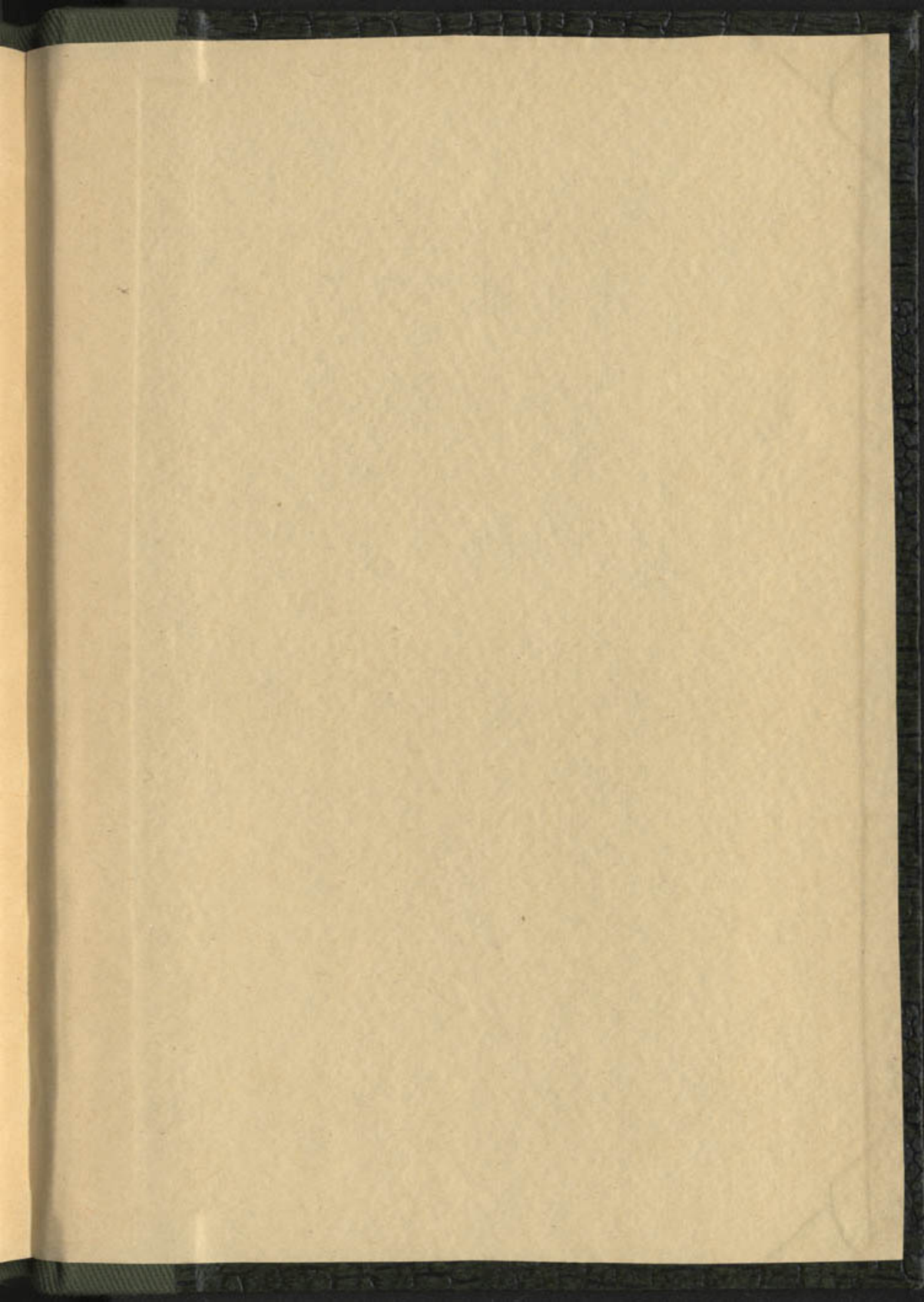
Colbert por seu talento administrativo consolidou a monarchia de Luiz XIV, que a politica de Richelieu havia fundado.

Sob o ponto de vista economico attribue-se a Colbert a transformação da «politica commercial», que se havia generalisado com o nome de «systema prohibitivo», no chamado «systema proteccionista» com o fim de proteger e estimular em sua productividade e aperfeiçoamento as industrias nacionaes, reservando aos seus productos os mercados interiores, e collocando-as em condições, mais ou menos vantajosas, na sua concorrencia com as industrias estrangeiras dentro e fóra do paiz, talvez um pouco já despreoccupado do velho preconceito de que só o dinheiro constitue riqueza.

Se o engradecimento politico da França se deve em parte á politica de Richelieu, os seus progressos materiaes e grandeza economica devem attribuir-se ás sabias reformas administrativas e financeiras de Colbert.







Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º